



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

MARIANA ALMEIDA BATISTA NASCIMENTO

**MUITO ALÉM DE ITENS DE EXPOSIÇÃO: A IMPLEMENTAÇÃO DE COLEÇÕES
DE MODA NA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE**

FORTALEZA

2021

MARIANA ALMEIDA BATISTA NASCIMENTO

MUITO ALÉM DE ITENS DE EXPOSIÇÃO: A IMPLEMENTAÇÃO DE COLEÇÕES
DE MODA NA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N196m Nascimento, Mariana Almeida Batista.

Muito além de itens de exposição : a implementação de coleções de Moda na Modateca do Senac-CE Reference / Mariana Almeida Batista Nascimento. – 2021.
92 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

1. Unidades de informação em Moda. 2. Formação e Desenvolvimento de Coleções de Moda. 3. Coleções de Moda. I. Título.

CDD 020

MARIANA ALMEIDA BATISTA NASCIMENTO

MUITO ALÉM DE ITENS DE EXPOSIÇÃO: A IMPLEMENTAÇÃO DE COLEÇÕES
DE MODA NA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 01/09/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Isaura Nelsivania Sombra Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe.

*À todos que ajudaram-me na escrita desta
pesquisa, seja de forma direta ou indireta.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Marta Maria, que tornou possível minha estadia na universidade e me garantiu todo apoio necessário para a conclusão da graduação. Sem dúvidas, não seria possível conquistar essa Vitória sem ela.

À minha irmã, Marisa Batista, pela excelente companhia e conselhos assertivos, ajudando-me em períodos difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jefferson Nunes por ter aceitado o desafio de me auxiliar na escrita, mesmo após a mudança de tema. Às avaliadoras da banca, Prof^ª. Dra. Isaura Oliveira e Prof^ª. Dra. Áurea Guerra, que dedicaram parte de seu tempo para meu trabalho, contribuindo com minha evolução. A todos professores do curso que empenham-se em ensinar e inspirar a atuação ética e empática; sobretudo, à Prof^ª. Dra. Fátima Costa pela inspiração em falar sobre a área e à Prof^ª. Giovanna Guedes pela acessibilidade e acompanhamento pedagógico durante o estágio supervisionado.

Aos funcionários que compõem o Senac-CE Reference, que agregaram na maturidade dessa pesquisa com sugestões, atenção e receptividade, desde que o trabalho era apenas um projeto. Em especial, à coordenadora do Sistema de Bibliotecas do Senac-CE, que acolheu minha pesquisa desde quando era um projeto, e ao bibliotecário responsável pela Modateca, que agregou com sugestões ao questionário e respostas às minhas perguntas.

À equipe da Biblioteca Engenheiro Waldyr Diogo de Siqueira por ter me recebido de braços abertos, permitindo-me não somente desenvolver-me, como confiando em mim e no meu trabalho. Em especial, agradeço à Islânia Araújo, Tatiana Camurça, Michelle Menezes e Aparecida da Silva.

À Thais Dias, que orientou-me, emocionalmente, na escrita acadêmica e a quem admiro. Ao Marcelo Monteiro, pela troca de experiências e piadas sobre nossas dificuldades com nossas monografias. Ao Marcos Vinícius Lima, meu amigo, que esteve comigo, imprimindo variados documentos gratuitamente durante a graduação; uma ajuda simples, mas muito significativa! Ao João Estêvão, que me ajudou com a tradução do resumo em língua inglesa. Ao Anderson Duarte pelo apoio com a agenda de atividades durante a pandemia. Aos amigos, em especial Juliana Teixeira, que me confortaram em relação à escrita e à normalização que, por um tempo, deixaram-me insegura.

Aos amigos e colegas do programa de extensão que entenderam minhas limitações de tempo, alegraram meu isolamento social pelas reuniões online e ainda fizeram parte do meu desenvolvimento profissional, artístico e pessoal. Nisso, destaco aqueles com quem tive maior contato por meio do trabalho em equipe, sendo: Alice Barros, Clara Torre, Gustavo Rodrigues, Heluziara Lucas, Julyana Xavier, Lucas Farias, Renato Herbert e Sabrina Alves.

Aos amigos que, mesmo sem ter noção do desafio que é a elaboração de uma pesquisa, incentivaram-me a continuar e lembraram-me da minha capacidade, o que possibilitou meu avanço. Ao Davy Benedito e à Rhanía Tavares.

Aos clientes da minha loja virtual, Maracujá em Flor, que acreditaram em minha loja; em especial aos amigos que me incentivaram e deram preferência, sendo: Amanda Alves, Isaac Gondim, Júlia Alves, Marcos Vinícius Lima e Nathalia Criscian.

Aos colegas da Comissão Gestora Temporária que compreenderam minhas limitações de tempo e saúde mental; sobretudo à Elisabeth da Paz, Juliana Lima, à Hekecy Duarte, à Laura Braga e ao querido Izaias Marinho, uma das pessoas mais acolhedoras que conheci durante a graduação.

Aos meus familiares, por parte de mãe, que serviram de inspiração, em especial, meu padrinho, Znilton Batista, que me incentivou a participar de concursos, e meus tios Francisco e Joaquim Batista (*in memoriam*), que - apesar da inteligência - não puderam ingressar na Educação Superior devido a falta de políticas públicas para auxiliar pessoas com deficiência física.

À Joy, minha gata, pelo carinho e motivação.

“Nós somos do mesmo tecido do qual são feitos os sonhos e nossa breve vida é orbitada por um sono.” (SHAKESPEARE; The Tempest, ato IV, cena I; tradução nossa).

Resumo

Esta pesquisa vislumbra contribuir com o conhecimento científico no que diz respeito à Formação e ao Desenvolvimento de Coleções de Moda vinculados a instituições de ensino. Então, sustenta-se em objetivos específicos que resumem-se em preencher a lacuna de informação referente às particularidades de coleções de vestuário e acessórios e ser útil para nortear processos de Formação e Desenvolvimento de Coleções em unidades de informação. Nisso, é abordada a relação entre unidade de informação, acervo e coleção convencional ou especial, esmiuçando cada definição como forma de situar a leitura a partir de contexto panorâmico. Adiante, são apresentados os principais tipos de coleções agregadas ao campo de teoria e prática profissional em moda, com atenção para aquelas com fins educacionais e repositórios, disponíveis para o olhar e/ou toque da comunidade acadêmica formada por estudantes, professores, técnicos administrativos e visitantes. Para cumprir a tarefa de corresponder às expectativas em relação ao referencial teórico, utilizou-se autores renomados, com destaque a Waldomiro Vergueiro, Ana Cláudia Miranda e Cristiane Rokicki. No decorrer da escrita, observou-se que, em questão de metodologia, a pesquisa caracteriza-se como de natureza básica, com objetivos em nível descritivo e de abordagem qualitativa. Este trabalho demandou a escolha de procedimentos qualitativos exclusivamente, o que inclui: pesquisa bibliográfica, estudo de caso e entrevistas com profissionais da instituição. Durante o estudo de caso realizado na Modateca do Senac-CE Reference, foram registrados, como resultados, quatro tipos de conjuntos de obras, que são: biblioteca especializada, teciteca ou tecidoteca, modateca e avioteca. Ademais, é incentivado o surgimento de novas palavras para designar coleções especiais da Moda. Enfim, apurou-se que a Formação e o Desenvolvimento de Coleções devem ser operadas por bibliotecários, em sintonia com valores organizacionais e sugestão de professores de moda que trabalham juntos no mesmo local e usuários oriundos de cursos de moda.

Palavras-chave: unidade de informação em moda; formação e desenvolvimento de acervos de moda; coleções de Moda.

Abstract

This research aims to contribute to scientific knowledge with regard to the Fashion Collection Formation and Development linked to educational institutions. So, it's based on specific objectives that are summarized in filling the information gap regarding the particularities of clothing collections and accessories and be useful to guide Collections Formation and Development Processes in units of information . In this, the relationship between units of information, collection and conventional or especial collection is addressed, scanting each definition as a way to situate reading from a panoramic context. Below, the main types of collections added to the field of professional theory and practice in fashion are presented, with attention to those with educational purposes and repositories, available for the look and/or touch of the community formed by students and teachers, preferably. To fulfill the task of meeting expectations to write the teoric fundamentals, renowned authors were used, with emphasis on Waldomiro Vergueiro, Ana Cláudia Miranda and Cristiane Rokicki. In the course of writing, it was observed that, in a matter of methodology, the research is characterized as of a basic nature, with objectives at the descriptive level and with a qualitative approach. This research required the choice of qualitative procedures exclusively, which includes: bibliographic research, case study and interviews with professionals of the institution. During the case study conducted at the Modateca Senac-CE Reference, four types of work sets were recorded as results, which are: specialized, fabric, fashion and trim libraries. In addition, the emergence of new words to designate special Fashion collections is encouraged. Finally, it was found that the Formation and Development of collections should be operated by librarians, in line with organizational values and the suggestion of fashion teachers who work together in the same place and users from fashion courses.

Keywords: fashion units of information; Formation and Development of fashion collections; fashion collections.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Critérios de seleção de obras bibliográficas para unidades de informação.	39
Tabela 2 - Lista de cursos oferecidos pela Rede Senac no Ceará na área de Moda com relação a avaliação de coleções.	71

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo do Desenvolvimento de Coleções para Evans (1979)	21
Figura 2 - Representação entre unidade de informação, acervo e coleção	38
Figura 3 - Representação das coleções que compõem o acervo na área de moda na Modateca do Senac/CE Reference como unidade de informação	69
Imagem 1 - Vista externa do prédio do Senac-CE Reference	56
Imagem 2 - Dependências da Modateca	57
Imagem 3 - Dependências da Modateca	57
Imagem 4 - Parte do conjunto de prateleiras na biblioteca do Reference.	61
Imagem 5 - Coleção de obras impressas na área de moda e afins.	62
Imagem 6 - Interface da plataforma da Biblioteca Digital Senac.	64
Imagem 7 - Exemplo de arara com amostras de tecidos catalogadas.	65
Imagem 8 - Exposição de vestidos em tamanho miniatura.	66
Imagem 9 - Exposição da coleção do artesão Mestre Espedito Seleiro.	66
Imagem 10 - Exposição "A hora do Brasil"	67
Imagem 11 - Exposição "A hora do Brasil"	67
Imagem 12 - Um dos detalhes da coleção é o livro que registra seu lançamento.	68
Imagem 13 - Fotografia de parte dos itens da tecedoteca (em araras) e da avioteca (em prateleiras).	69
Imagem 14 - A referência de Madonna a Marilyn Monroe é óbvia pelas similaridades presentes na letra, coreografia e aspectos estéticos (o que inclui vestimentas e acessórios).	74

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CDD	Classificação Decimal de Dewey
FMC	Formação e Desenvolvimento de Coleções
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PcD	Pessoa com deficiência
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ACERVOS	19
2.1 Estudo de Comunidades	22
2.4 Aquisição	30
2.5 Avaliação	32
2.6 Desbastamento	34
3 UNIDADES DE INFORMAÇÃO E TIPOLOGIAS DE ACERVOS DE MODA	37
3.1.2 Tecidoteca e teciteca	46
3.1.3 Modateca	47
3.1.4 Avioteca	48
3.2 O bibliotecário na estruturação de acervos de moda	50
4 METODOLOGIA	53
5 ESTUDO DE CASO NA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE	57
5.2 Biblioteca especializada	62
5.3 Tecidoteca	64
5.4 Modateca	65
5.5 Avioteca	69
6 PROPOSTA DE IMPLEMENTAÇÃO DE COLEÇÃO	75
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
APÊNDICE	91

1 INTRODUÇÃO

As unidades de informação compõem parte da estrutura de instituições de ensino de qualidade, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, prático, cultural e artístico da comunidade que buscam atender. Nessa perspectiva, essas estruturas devem priorizar a satisfação das necessidades de informação dos usuários, agregando valor real para o público.

No que tange ao trabalho de selecionar quais obras devem estar presentes em unidades de informação, cabe ao bibliotecário escolher materiais adequados, evitando decisões pouco assertivas, de modo a reduzir riscos de desperdício de recursos, divergências com valores da instituição da qual é subordinado e baixo uso de obras pelo corpo docente e discente. Nessa perspectiva, ações de formação e desenvolvimento de acervos precisam ser dirigidas por profissionais da informação sob arcabouço intelectual das áreas de Biblioteconomia, Inovação, Orçamento e Marketing; sugestão de professores que trabalham na instituição e apoio da organização para lidar com tarefas jurídicas, administrativo-financeiras.

No contexto de cursos relacionados à Moda e Indumentária, existe a necessidade de criação de coleções para além da bibliografia básica e complementar formada por obras impressas, como acontece na maioria dos demais cursos não ligados à criação de produtos artísticos e/ou culturais. Assim, podem constituir tais acervos materiais variados, como: livros, revistas, fotografias, botões, linhas, peças de roupa, amostras de tecidos, croquis (desenho técnico da área), artesanatos, calçados, linhas, entre outros. Para lidar com a gama de possibilidades que compreende essa área, o bibliotecário precisa apropriar-se de conhecimentos básicos de moda para adaptar as etapas do desenvolvimento de acervos.

Devido a falta de trabalhos acadêmicos com a temática de descrever e guiar a formação e o desenvolvimento de acervos de moda indumentária em língua portuguesa, esta pesquisa parte da responsabilidade em ser útil para auxiliar na criação, ampliação e manutenção de coleções especiais para estudantes, de forma organizada, coerente e atrativa. Inclusive, é esperado que o material presente inspire a criação de acervos de moda com fins educacionais.

Sob a perspectiva do senso comum, a responsabilidade total sobre a criação de políticas de desenvolvimento e manutenção de acervo de moda poderia caber melhor a área de Design de Moda. Tal afirmação é um reflexo do desconhecimento de ambas profissões: bibliotecário e designer de moda. As atividades intelectuais e práticas de uma modateca demandam de interdisciplinaridade da Biblioteconomia e do Design de Moda para entregar serviços de qualidade a seus usuários.

Além disso, a vontade de trabalhar com objetos de moda também faz parte das justificativas para escolha do tema no qual baseia-se esta pesquisa. Explorando a diversidade existente a benefício daqueles que estudam estilismo, o bibliotecário é destacado como profissional protagonista dos processos de decisão referentes a unidades de informação, mesmo quando tais espaços detém acervos distantes de obras impressas, abrangendo coleções especiais.

Estrutura-se este trabalho a partir do objetivo geral de propor uma implementação à política de acervos em moda adotada pelo Senac. Por isso, é necessário a construção de um referencial teórico baseado no diálogo entre produções acadêmicas da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Design de Moda e afins. Disso, segue-se os objetivos específicos:

- a) analisar como peças de roupa e indumentária podem compor acervos de unidades de informação;
- b) entender a atuação do bibliotecário na composição de acervos em moda;
- c) compreender a hierarquia existente entre unidade de informação, acervo e coleção.

Daí, o referencial teórico é dividido em capítulos e seções que buscam circunscrever a formação e o desenvolvimento de acervos de modo fluido e leve, de forma a ser acessível para bibliotecários, primeiramente; mas também para estudiosos da Moda que buscam compreender melhor a importância das teorias e práticas da Biblioteconomia.

Essa pesquisa destina o primeiro capítulo do referencial teórico para apresentação da Formação e do Desenvolvimento de Coleções, o que faz com que, após explicado o significado dos termos e sua importância, tenha-se seções específicas para cada etapa dos processos. Apesar de recorrer a autores detentores de um ponto de vista genérico, percebe-se a universalidade do processo.

Depois dos subsídios alcançados pela parte anterior, diferenciação terminológica entre unidade de informação, acervo e coleção convencional ou especial, o que tem como consequência o estabelecimento de um conjunto que representa a hierarquia existente. Visto isso, é iniciado o discurso a respeito do valor de acervos voltados ao estudo de Moda e quais tipos de coleção podem compor uma unidade de informação ligada ao ensino e à pesquisa nessa área. Defende-se a necessidade da presença de, pelo menos, um bibliotecário em tais unidades.

O restante da pesquisa é edificado no encontro de procedimentos científicos assertivos para o alcance de resultados realistas. O capítulo destinado à metodologia descreve bem os elementos científicos que validam este trabalho e ousam em comentar sobre os desafios da pesquisa durante um momento tão sensível quanto a pandemia de covid-19 no Ceará.

Mesmo perante tantos desafios, esta pesquisa entrega os resultados com base nas análises elaboradas durante revisão bibliográfica, interação com funcionários do Senac-CE Reference, estudo e análise do caso e conclusão. No fim, ainda é deixada uma sugestão para ampliação da Modateca.

2 FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ACERVOS

De modo geral, compreende-se Formação e Desenvolvimento de Coleções (FDC) como o conjunto de decisões sobre quais obras devem ser incorporadas, mantidas, realocadas, trocadas, emprestadas, conservadas ou descartadas em determinada unidade de informação.

Em matéria de aparição dos termos “formação” e “desenvolvimento” no contexto de acervos ou coleções na literatura, verifica-se um fenômeno curioso, que é o uso das duas palavras ou de apenas uma para designar o processo como um todo. No caso da escolha por um sintagma, pode-se intuir que o autor entende que ambos os termos são desnecessários, pois são sinônimos. Já para aqueles que trazem em ordem formação e desenvolvimento de coleções, observa-se com melhor nitidez uma aquisição de significados personalizados ou, em menor nível, o reconhecimento da individualidade dos processos.

Dentre os estudiosos que relacionam-se apenas à formação de coleções, tem-se a palavra relacionada às atividades de gestão de recursos e o processo de escolhas em bibliotecas. Defende-se a importância da formação de acervos e da criação de uma política baseada nela, afirmando que:

Para a construção de um acervo documental de uma organização, que tem como alvo primordial gerir e disseminar as informações nela contidas devem, necessariamente, possuir critérios para a formação da massa informacional, como também que esses mesmos critérios estejam registrados em documento escrito e de conhecimento de todos. [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 35)

O desenvolvimento de coleções, por sua vez, é a continuação das operações pertencentes à formação no qual a lógica na tomada de decisões é mantida. Diante disso, pode-se entendê-lo como uma atividade que “[...] Exige do bibliotecário e de sua equipe de especialistas grande capacidade de análise da informação para selecionar as mais relevantes e pertinentes produzidas em cada área de interesse”. (WEITZEL, 2002. p. 63).

O *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, de Cunha e Cavacanti (2008, p. 173), define “formação de coleções” como “desenvolvimento de coleções”, literalmente; enquanto explica “desenvolvimento de coleções” como:

[...] planejamento para aquisição de material bibliográfico de acordo com o interesse dos usuários. Pode incluir a avaliação sistemática do tamanho e da utilidade do acervo em relação aos objetivos da biblioteca, dos usuários e da organização à qual a biblioteca está subordinada [...]. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 120).

Outros acadêmicos estabelecem para formação e desenvolvimento de coleções sentidos distintos e próprios, o que demonstra apropriação sobre os vocábulos no sentido da língua portuguesa. Segundo o senso comum, “formação” pode ser interpretada como “criação” e “desenvolvimento” como “crescer”. Entre os textos que usam os dois termos, acha-se que “A formação, desenvolvimento e organização do acervo devem ser encarados como um processo permanente [...]. A coleção deve ser desenvolvida tomando por base um plano preestabelecido que garanta sua continuidade e adequação necessária à formação da coleção (tanto em termos de conteúdo quanto de formato).” (MIRANDA, 2007, p. 87-88).

Logo, pode-se compreender que a formação é uma etapa inicial, da qual origina-se a construção de regras para a criação de coleções, de forma que apenas documentos atrativos para uma comunidade sejam armazenados. Por outro lado, o desenvolvimento é um processo que visa dar continuidade a essa acumulação útil de materiais, refazendo atividades em ciclos, o que inclui a verificação de adequação de coleções às necessidades informacionais de usuários.

Aprimorando estudos de G. Edward Evans, Vergueiro (1989), Maciel e Mendonça (2006), Weitzel (2012) e Achilles (2014) aproximam o desenvolvimento de acervos de teorias sistêmicas criadas pelas ciências administrativas, já que é estendida a concepção de processo que funciona por meio da realização cíclica de atividades isoladas, que conectam-se conforme são executadas antes e depois de outras tarefas. Nisso, a FDC deve ser contínua e guiada pela satisfação de necessidades de usuários, o que demanda reconhecimento acerca de pontos fortes e fracos e recursos disponíveis, correção de fraquezas e elaboração de estudos de comunidades para embasar mudanças (EVANS, 1979 apud ACHILLES, 2014).

A partir da aproximação da FDC da área administrativa, mais teorias surgem para auxiliar a gestão de recursos dentro de unidades de informação. Tendo em vista a busca pela qualidade na contribuição educacional em instituições de ensino superior, é notória a necessidade de uma gestão estratégica nas operações relacionadas à administração de unidades de informação (CYSNE *et al.*, 2013).

Para isso é preciso que a gestão de coleções esteja associada a práticas de FDC. Mais uma vez, remonta-se a Miranda (2007), que lembra do usuário como foco da unidade de informação, que pondera que a formação, o desenvolvimento e a organização de acervos “[...] devem ser encarados como um processo permanente no qual as atividades de seleção, aquisição e avaliação de materiais devem permanecer em contínua sintonia com as necessidades de informação da comunidade de usuários”. (MIRANDA, 2007, p. 87)

Objetivando a satisfação informacional de uma comunidade pré-estabelecida, o bibliotecário deve implementar uma gestão eficiente e ciente de seus usuários e dos acervos disponíveis através do desenvolvimento de acervos, compreendendo que:

O processo de desenvolvimento de coleções é umas das etapas do planejamento e da administração das bibliotecas, é necessária haver uma ligação com os objetivos das bibliotecas, da coleção e dos usuários, é o momento de decisão, onde se seleciona o que pode ou não compor o acervo, é uma atividade que deve ser formalizada em algum documento, para as futuras observações e alterações necessárias, em períodos determinados (EDUVIRGES, 2012, p. 2).

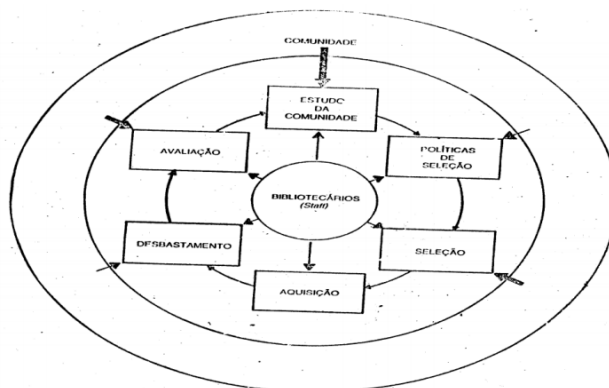
Assim, levando em consideração o que foi explorado anteriormente, a formação de acervos pode ser concebida como fase de planejamento na gestão de coleções, já que protagoniza a criação de coleções e dá suporte a implementação de práticas de manutenção - que tange ao desenvolvimento de acervos.

Com base em definições de Vergueiro (1989) e Maciel e Mendonça (2006), a FDC é segmentada por uma sequência de atividades cíclicas que buscam cuidar-se desde o planejamento até a avaliação, no que segue: estudo de comunidades, definição de política de desenvolvimento de coleções, seleção, aquisição e desbastamento. Dominar particularidades entre cada passo é fundamental para entender e aplicar esses processos na gestão de acervos em unidades de informação variadas.

2.1 Estudo de Comunidades

Ainda utilizando parte da literatura científica da área administrativa e do arcabouço intelectual de G. Edward Evans, observa-se a FDC sob uma ótica ampla na busca por uma compreensão de suas etapas tanto de forma isolada, quanto em conjunto. Diante da ilustração de Evans (1979) trazida por Vergueiro (1989), percebe-se variados aspectos, como: caráter cíclico, relações de subordinação e superordenação e reforço da interação entre profissional da informação e comunidade na etapa de estudos de usuários.

Figura 1 - Modelo do Desenvolvimento de Coleções para Evans (1979).



Fonte: Evans (1979) apresentado por Santa Anna (2016).

Surge da observação do modelo acima a pergunta que norteia a criação de acervos de qualidade: se a formação e o desenvolvimento de coleções são cíclicos, por onde começar? Conforme Evans (1979) parafraseado por Achilles (2014), o planejamento é o primeiro passo para dar inícios às atividades que integram o desenvolvimento de acervos. Considerando que o usuário é a razão de existir da unidade de informação, a percepção de suas necessidades é o pontapé de todo o processo de gestão de recursos informacionais. Dessa forma, o Estudo de Comunidades é a etapa da qual inicia-se o ciclo da gestão.

Embora possa parecer simples, o estudo de comunidades é a etapa que respalda o uso dos mais variados recursos em uma unidade de informação, o que contempla não apenas investimentos em orçamentos, mas também em funcionários, tempo e informação, por exemplo. Por isso, o estudo de comunidades deve

antecipar a seleção e a aquisição de acervos, sendo compreendido como a parte do processo que compreende o planejamento.

Antes de tomar qualquer atitude relacionada com a formação e o desenvolvimento de acervos, o bibliotecário deve estar atualizado sobre os interesses informacionais da comunidade que pretende atender. Ao basear-se no público de cada unidade de informação, a assertividade na tomada de decisões aumenta, satisfazendo as necessidades dos usuários. Sobre a importância de levar em consideração interesses da comunidade, vale pontuar que:

Todo serviço criado para a comunidade deve basear-se em um estudo prévio da mesma para poder agir com conhecimento de causa e garantir sua plena utilização. São os chamados estudos de comunidade que representam o conhecimento objetivo da realidade de um determinado grupo social (STUMPF, 1988, p. 20).

A escolha oposta, que é caracterizada pelo descaso com o interesse da comunidade, começa pela listagem de obras sem visar sua compatibilidade com os indivíduos que irão consumi-las, baseando-se em expectativas irreais e estereótipos diversos.

Como efeito da tomada de decisões imprudente, parte significativa dos recursos pode ser desperdiçada. Assim, por mais que a gestão de coleções seja um processo contínuo e em forma de ciclo, deve ser salientado que sua operação precisa ser organizada e metódica, evitando o retrabalho de funcionários da unidade de informação ou de consultores.

Vergueiro (2010) aponta as competências adquiridas pelo bibliotecário para analisar e generalizar as demandas de seus usuários, seja quantitativamente (por meio de coleta de dados em questionários ou registros de empréstimo) ou qualitativamente (por meio de interações presenciais ou virtuais com os usuários).

A uniformização de escolhas configura-se como exemplo de boa prática, impactando positivamente no propósito da unidade de informação. Como instrumento facilitador, expressa-se, em forma de texto, uma série de regras. O estudo de comunidades é básico para a administração da biblioteca pois, como qualquer organização, a biblioteca existe para realizar funções específicas, as quais foram suficientemente valiosas, na época do seu início de funcionamento, para justificar a sua criação, e que, supostamente, continuam a motivar a sobrevivência e o crescimento da biblioteca.

Além do estudo de usuários, o bibliotecário pode utilizar como fonte de informação outros profissionais com os quais trabalha, tornando valioso aproveitamento das sugestões dos colegas. Ao ouvir professores e estudantes dos cursos ou disciplinas, o bibliotecário pode adquirir obras mais interessantes para a área. Por meio da consultoria de profissionais de Marketing e Publicidade & Propaganda, pode-se criar estratégias para dar maior visibilidade a coleções e produzir conteúdos exclusivos para atrair usuários nas mídias sociais. O Design e a Arquitetura têm o poder de contribuir por meio de aspectos visuais no ambiente físico para que fique mais acessível e agradável. Tudo isso são exemplos de como é possível utilizar os conhecimentos de várias áreas no interior de unidades de informação em Moda.

Após análises a respeito de quem é o público ou de mudanças de seus interesses informacionais, o profissional da informação está apto para progredir nas atividades posteriores, iniciando pela busca por obras que combinem com o que foi apontado nos dados obtidos no estudo de comunidades.

2.2 Política de Desenvolvimento de Coleções

Para utilizar recursos estrategicamente e garantir um acervo capaz de representar os objetivos da instituição da qual é subordinado, o bibliotecário deve elaborar uma Política de Desenvolvimentos de Coleções (PDC) personalizada (VERGUEIRO, 1989). Desse modo, esse documento deve ser escrito de acordo com a realidade da unidade de informação que pretende atender, sendo compatível com os investimentos disponíveis; contexto socioeconômico e político; interesses e necessidades informacionais do público que almeja impactar.

A PDC é essencial para guiar a criação de regras de estruturação de FDC através de coleta e análise de dados referentes à coleção (estado atual e seus pontos fracos fortes); à comunidade a qual atende; e "recursos disponíveis, tanto localmente como através de empréstimo de bibliotecas." (VERGUEIRO, 1989).

A partir do detalhamento de processos, o bibliotecário-gestor viabiliza a continuidade da gestão de determinada unidade de informação por ele ou terceiros, prosseguindo de maneira padronizada. Ou seja, tem-se como vantagem da documentação de regras, o fato de que a tomada de decisões é facilitada na

instituição, em razão que “a política deve também descrever a estrutura para a formação das coleções, isto é, sob qual lógica as coleções serão colecionadas.” (WEITZEL, 2012, p. 182).

Nisso, é imprescindível que tais documentos sejam desenvolvidos de forma acessível, salientando que:

Essa política possui semelhanças a de um manual, onde qualquer pessoa envolvida na atividade possa compreender todos os passos do processo, pois esse documento deve ter como principais características a simplicidade, a clareza e a veracidade das informações contidas (EDUVIRGES, 2012, p. 5).

Indica-se que a PDC contenha “os objetivos da biblioteca, o estado atual da coleção, as necessidades informacionais da comunidade a ser servida, orçamento e outros recursos informacionais disponíveis (consórcios entre bibliotecas).” (MIRANDA, 2007, p. 88).

Outrossim, deve constar no documento a indicação da comissão que irá desempenhar o processo de seleção, cabendo-lhe a responsabilidade. Em matéria de preparo, o bibliotecário é o profissional essencial para a realização do planejamento e processo referentes à formação e ao desenvolvimento de coleções, pois - independentemente do público - possui conhecimentos relacionados à avaliação da qualidade de acervos já estruturados e é capaz de distinguir as necessidades reais das vontades de seus usuários, priorizando a aquisição de obras com utilidade mais longa (VERGUEIRO, 2010; MACIEL; MENDONÇA, 2006).

Romani e Borzcz (2006, p. 24 apud Miranda 2007, p.7) concebem que tais comissões devem ser formadas por um representante da unidade de informação, no caso, um bibliotecário que será responsável também pela coordenação da comissão; um representante das principais áreas de atuação da instituição; e um representante da área administrativa para cuidar da disponibilização de investimentos. Em uma tradução com poucas palavras, a seleção é uma ação conjunta entre profissionais de diferentes setores de uma instituição.

Miranda (1981) percebe a criação desse documento como um recurso elementar para o setor administrativo, pois informa sobre os gastos dispensados à unidade de informação e sobre o que são seus acervos. Através dessa informação, autoridades administrativas, leigas em Biblioteconomia, podem também ter uma

perspectiva sobre a compatibilidade entre unidade de informação e instituição de ensino por meio de coleções, missão, valores e visão.

Somente a partir da implementação de diretrizes, devem-se começar as operações de inclusão e exclusão de obras do acervo. Principia-se, então, pelo levantamento de documentos pertinentes para a construção de acervos ou sua adaptação após mudanças apontadas na avaliação.

2.3 Seleção

Infelizmente, enquanto algumas unidades de informação são valorizadas, outras costumam ser um dos setores que menos recebe investimentos de suas instituições de ensino, ocorrendo que:

Algumas bibliotecas possuem o privilégio de recursos orçamentários advindos da instituição mantenedora para compra de acervo, mas nem sempre isso acontece, estando sujeitas a sofrer cortes no decorrer do processo. Por esse motivo a biblioteca deve ter outras formas para suprir essa deficiência, como: convênios ou projetos (TAVARES, 2015, p. 144).

Por isso, é necessário um processo de filtragem de obras a serem adquiridas, estabelecendo requisitos básicos para a permanência ou retirada de títulos por meio de uma lista. Assim, com a escalação dos nomes responsáveis pela comissão, é iniciada a fase de escolha de obras para composição do acervo.

Vergueiro (2010) elege pontos a serem pensados no decorrer da atividade de seleção. São doze requisitos não obrigatórios que se propõem a auxiliar o profissional da informação na priorização de documentos, envolvendo a qualidade do conteúdo dos documentos, a adaptação aos usuários e elementos adicionais das obras. São eles:

Tabela 1 - Critérios de seleção para obras bibliográficas em unidades de informação (continua).

Critério	Características
Abordam o conteúdo do documento	
Autoridade	Avalia o renome de autoria, editora ou patrocinador.
Precisão	Investiga a veracidade do conteúdo da obra.
Imparcialidade	Tal critério ajuda na construção de um acervo diverso, não favorecendo um ponto de vista em relação ao outro.

Tabela 1 - Critérios de seleção para obras bibliográficas em unidades de informação (continua).

Critério	Características
Atualidade	Busca pelas obras e edições mais recentes, analisando se a aquisição é adequada ou não.
Cobertura ou tratamento	Leva em consideração a contemplação do assunto. Faz-se a pergunta se o documento atende às necessidades informacionais dos usuários.
Abordam a adequação ao usuário	
Conveniência	Analisa se elementos textuais e visuais convergem com os interesses do usuário ou sua faixa etária.
Idioma	Objetiva atender às necessidades linguísticas dos usuários.
Relevância ou interesse	Compromete-se com a escolha de documentos que serão úteis para estudos ou lazer.
Estilo	Converge-se a linguagem das obras com a utilizada pelos usuários.
Relativos a aspectos adicionais do documento	
Características físicas	São preferidos aqueles materiais que terão maior vida útil, evitando gastos e melhor <i>layout</i> , com maior legibilidade e estética.
Aspectos especiais	Elementos pré e pós-textuais são examinados para verificar sua existência e qualidade de descrição das obras das quais fazem parte.

Tabela 1 - Critérios de seleção para obras bibliográficas em unidades de informação (conclusão).

Critério	Características
Características físicas	São preferidos aqueles materiais que terão maior vida útil, evitando gastos e melhor <i>layout</i> , com maior legibilidade e estética.
Aspectos especiais	Elementos pré e pós-textuais são examinados para verificar sua existência e qualidade de descrição das obras das quais fazem parte.
Contribuição potencial	Consiste na contribuição de determinada obra com a diversidade de assuntos que compõem uma coleção
Custo	Mensura todos os investimentos necessários para aquisição, manutenção e compartilhamento de um documento.

Fonte: Vergueiro (2010).

Para conseguir escolher quais obras mais interessantes para a aquisição, é válido o uso de instrumentos de pesquisa, como: interação com usuários, catálogos de editores, resenhas (incluindo aquelas presentes no *YouTube*), bibliografias e listas de sugestão de obras, variando de acordo com o tipo de unidade de informação que vislumbra-se atender (VERGUEIRO, 1989).

Em outras palavras, o bibliotecário tem à sua disponibilidade diversas ferramentas auxiliares para compreensão de expectativa e realidade de sua comunidade, tendo sua liberdade moldada ao que exige a unidade de informação na qual trabalha. Por exemplo, ao comparar uma biblioteca escolar a uma biblioteca universitária, vê-se que a primeira deve focar mais em edições lúdicas e com linguagem acessível, enquanto a última prefere atualidade e apego à qualidade e título dos autores.

Depois de pontuar requisitos a serem atendidos com base em reflexões acerca de quem são seus usuários e fazer um levantamento de títulos viáveis, parte-se para o processo seguinte: o de aquisição.

2.4 Aquisição

Distingue que “[...] a seleção determina o conteúdo do acervo e a aquisição, o processo de obtenção do material selecionado.” (MIRANDA, 1981, p. 58). Em outras palavras, a aquisição é a etapa que põe em prática a pesquisa e seleção desenvolvidas durante a seleção. Com a lista de obras a serem adquiridas, o bibliotecário estabelece quais serão os métodos utilizados para captação dos títulos selecionados. Sendo:

A **compra** configura-se como a principal estratégia de obtenção de materiais. Esse processo depende da transmissão de investimentos financeiros por parte de departamentos administrativos e contábeis, que estabelecem um controle sobre as obras a serem obtidas (EDUVIRGES, 2012, p. 6; MIRANDA, 1981, p. 62). Depois de proposto um orçamento, aguarda-se sua aprovação pela gestão da instituição.

Resultado de uma parceria entre instituições, a **permuta** pode ser entendida como uma troca temporária ou permanente de documentos repetidos, exclusivos, indisponíveis no mercado ou de acesso limitado. A permuta participa na dinamização e compartilhamento de documentos com poucos empréstimos em uma unidade de informação e muitas solicitações em outras. Essa troca é mais comum em bibliotecas universitárias e especializadas, unindo instituições que, às vezes, seriam concorrentes na prática.

Para que dê certo, é preciso que as instituições envolvidas nessa modalidade respeitem uma à outra, oferecendo obras compatíveis quanto a estado de conservação, atualidade (ou valor histórico) e potencial de interesse pelos usuários. É interessante levar em consideração o tipo de público da parceira, demonstrando compromisso com o crescimento alheio.

Como alternativa mais econômica, tem-se a **doação** de documentos variados, que consistem no recebimento de materiais de artistas, colecionadores ou instituições, por exemplo. Apesar da facilidade de obtenção, deve haver uma curadoria sobre as doações, analisando seu estado de conservação e sua concordância com a Política de Desenvolvimento de Acervo.

Embora seja mais recorrente em bibliotecas escolares, unidades de informação ainda são tratadas por alguns doadores como “depósitos” de livros que

já lhe são inúteis, sendo-lhes conveniente a entrega. Tal relação não pode ser comparada à permuta quanto à mutualidade de benefícios, pois poucos documentos desses conjuntos possuem utilidade, bom estado de conservação ou cumprem as diretrizes definidas para aquisição.

Como elucida Miranda (1981, p. 67), a criticidade sobre a doação deve ser adotada para que, a recepção de uma obra de forma gratuita, não resulte em dívidas. Segundo a autora, a gastos adicionais “[...] pressupõem-se compromissos, exigem dispêndio de energia, [...] requerem espaço para armazenamento, checagem no catálogo, processamento, repasse como novas doações a terceiros, etc”.

Não importa qual seja o modo como a unidade de informação incorpora documentos, é imprescindível o atendimento aos planejamentos anteriores, não desobedecendo-os. O desrespeito a tal ação resulta na despadronização de acervos; grande quantidade de informações desnecessárias para o público (fazendo com que perca tempo e interesse durante a busca por obras); gastos com recursos humanos, tecnológicos e financeiros; entre outros problemas.

Ao decorrer do tempo, é comum que as necessidades informacionais do público-alvo de uma unidade de informação alterem-se, cabendo a adoção de mudanças. Antes de tomar qualquer decisão, é preciso que o bibliotecário responsável utilize métodos para averiguar a utilidade de seus acervos e coleções.

2.5 Avaliação

Mesmo concluindo com sucesso as etapas de política de desenvolvimento, seleção e aquisição de acervos com base em uma análise detalhada de uma comunidade, é necessário levantar dados a respeito da satisfação desse público com os materiais disponibilizados. Assim, a fim de manter-se atualizado sobre mudanças no perfil de usuários e melhorias a serem feitas nas coleções, o bibliotecário deve operar em avaliações periódicas.

Inteirando-se dos recursos disponíveis e do uso dos materiais pela comunidade, é iniciado, novamente, o processo de incorporação de documentos de acordo com os propósitos da instituição contemplada e a apuração do que será relevante para seu público. Compreender quem são, o que esperam e do que necessitam seus usuários é o primeiro passo para melhorar coleções.

A partir da interpretação de dados de satisfação, o bibliotecário prepara-se para alterar regras adotadas na política de desenvolvimento de acervos, lista de obras para serem adquiridas e desbastamento de materiais inapropriados. Esse procedimento exige uma reflexão sobre o que está sendo comprado e utilizado, traçando análises comparativas que melhoram a seleção, uma vez que apontam quais materiais têm poucas chances de serem pouco usados e previne compras desnecessárias (FIGUEIREDO, 1991 apud MIRANDA, 2007, p. 14).

Por mais experiente que seja um bibliotecário, nenhuma teoria é capaz de substituir o *feedback* do público (a quem é destinado todo o serviço de formação e desenvolvimento de acervos). Sob esse ponto de vista, Eduvirges (2012, p. 7) concorda ao afirmar que “A avaliação deve ser realizada em determinados períodos, a fim de detectar possíveis erros que ocorreram na seleção de materiais, no qual essa atividade deve ser realizada pela comissão responsável pela formação do acervo.” (EDUVIRGES, 2012, p.7).

Ao executar o ciclo de operações referentes à gestão de determinado acervo, é possível que o processo tenha fim na avaliação, não estendendo-se para o desbastamento como obrigatoriedade. Independente do caso, o processo de desenvolvimento de acervos aproxima-se da Administração, reforçando a perspectiva da unidade de informação como um organismo-vivo que são divididos

em partes menores que comunicam-se e cooperam entre si para funcionamento geral. Em outras palavras, é desejado que:

A avaliação da coleção deve ser sistemática e entendida como um processo empregado para determinar a importância e a adequação do acervo com os objetivos da Biblioteca e da instituição, possibilitando traçar parâmetros quanto à aquisição, à acessibilidade e ao descarte (MIRANDA, 2007, p. 14).

Ademais, é evidente o impacto da avaliação na correção de erros que acabaram passado despercebidos em estudos de comunidades anteriores ou ocorreram durante a criação de políticas de desenvolvimento, decisões equivocadas e cotidiano da unidade de informação. Conforme essa perspectiva, deve-se:

[...] ao se avaliar os processos internos, que são o início da cadeia dos serviços que são oferecidos aos usuários, pode-se, também, levantar pontos de falha que possam ser melhorados o que, certamente, ajudará na melhoria do produto ou serviço final (PAULA; VERGUEIRO, 2018, p. 271).

Em universidades, além da avaliação interna de espaços e acervos de unidades de informação (que é aplicada por funcionários de uma instituição ou consultores contratados), há também o desempenho dessa atividade pelo Ministério da Educação (MEC). Ao contrário da avaliação associada ao desenvolvimento de acervos, a avaliação do MEC serve como parâmetro de qualidade para o ensino superior brasileiro, abrangendo universidades, cursos e estudantes.

Dessa forma, é possível que o sujeito que precisa decidir-se consiga inteirar-se sobre a realidade de universidades e cursos. Maia e Santos (2015) citam Dias Sobrinho (2002) para trazer que: “a avaliação é um instrumento de medida e controle que responde às expectativas de eficiência e produtividade que os Estados controladores têm a respeito da educação superior”. (DIAS SOBRINHO, 2002 apud MAIA; SANTOS, 2015).

Como já citado, ao longo da avaliação, podem ser descobertos materiais com baixas saídas, que não representam mais o propósito da instituição de ensino ou divergem dos interesses dos usuários apontados por um estudo de comunidades mais recentes. Nesse caso, recomenda-se sua retirada das estantes, tirando o acesso do público até que seja dado um destino definido a tais obras.

2.6 Desbastamento

A etapa final do ciclo diz respeito ao que acontece com os materiais que não são bem avaliados na etapa anterior. Como consequência de um provimento permanente, o desbastamento é o processo no qual documentos são avaliados segundo seu estado de conservação, atualidade do conteúdo e utilidade para os usuários. Para Vergueiro (1989), não é justo atribuir as mesmas soluções para todos documentos que têm pouco manuseio, havendo três possibilidades: o remanejamento, a conservação e o descarte.

Frederick W. Lancaster soluciona a questão referentes aos parâmetros de avaliação de obras, pontuando observações de ordem objetivas ou subjetivas. O estudioso pontuava que:

Os métodos utilizados para avaliar o acervo são: **quantitativos** (tamanho e crescimento) e **qualitativos** (julgamento por especialistas, análise do uso real), em que os resultados são comparados e analisados, assegurando o alcance dos objetivos da avaliação da coleção, garantindo uma melhor qualidade da política de desenvolvimento de coleções (MIRANDA, 2007, p. 14, grifo da autora).

Obviamente, o bibliotecário deve ser criterioso e não tratar o descarte como sinônimo de desbastamento. Como consequência do profissional deve evitar desperdício de recursos e problemas com autoridades administrativas, o descarte deve ser executado com o máximo de cuidado, o que quer dizer que a etapa deve aparecer como último caso, sendo viável somente para obras que perderam seu valor. Especificando melhor os fatores que influenciam no descarte de uma obra, tem-se que:

A questão do descarte de materiais em bibliotecas contempla facetas múltiplas como obsolescência, freqüência de uso das obras, incidência de citações na literatura, administração de espaços, recebimento de doações, manutenção de duplicatas, estado de conservação, além do receio sempre presente de expurgar algo que poderá vir a ser útil a alguém (KREMMER; CALDEIRA, 1997, p. 109).

O descarte deve ser uma atividade cercada de cuidados, pois, quando procedida aos olhos do público, pode acarretar acusações de censura ou desleixo por parte da biblioteca ou da instituição, o que lhe rendeu *status* de tarefa não grata.

Para evitar todos esses problemas, é vital seguir os parâmetros definidos na Política de Desenvolvimento de Coleções.

Uma etapa que não necessita de grande ansiedade é o remanejamento que, por meio de análise de utilização por usuários, agiliza o acesso à documentos com maior probabilidade de corresponder às necessidades da comunidade. Nisso, essa operação tem um papel importante porque:

[...] trata-se, muitas vezes, de adequar o espaço, disponível na biblioteca, a crescentes necessidades de informação, o que pode exigir que os materiais com maior demanda tenham seu acesso possibilitado de maneira mais rápida, enquanto os demais tinham esse acesso com uma menor rapidez. É [...] uma medida de racionalização. Às vezes é, também, uma forma de testar os materiais quanto ao seu valor para a comunidade, um período de observação que capacita decidir se este valor continua a existir [...] (VERGUEIRO, 1989, p. 77).

Em uma unidade de informação na qual é constante o manuseio e empréstimo de obras, é imprescindível a contratação de um profissional capaz de realizar pequenos ajustes e reformas. O período de conservação pode exigir tempo para conclusão e resguardo temporário do material e, por isso, deve ser contado como outra possibilidade para o desbastamento. Tem-se na literatura que:

A tomada de decisão quanto à conservação deve ser inteligente, utilizando materiais viáveis para a administração da instituição, sem depender de recursos financeiros do próprio bibliotecário. Visto isso, deve-se analisar também se é mais prudente optar pela conservação ou descarte, com atenção para cada tipo de documento. Em coleções especiais, a conservação pode ser mais trabalhosa em relação à materiais e mão-de-obra especializada, porém têm mais chances de atingir um maior custo-benefício.

No processo também são retiradas das prateleiras obras em estado de mau uso para serem reparadas no setor de conservação, evitando custos, porém ainda operando na melhoria das obras para satisfazer o público.

Adaptando os pensamentos de Alonso (1988) e de Vergueiro (1989) sugere-se que, em vez de serem descartadas para setores de triagem diretamente, obras recebam remanejamento para depósitos (caso tenham valor para memória ou que ainda têm solicitações de acesso, embora pouco), intercâmbio (ou permuta),

doação para estudantes ou professores, venda para outras instituições e até como brindes em sorteios.

Portanto, o desbastamento deve seguir boas práticas bibliotecárias, basear-se na economia de recursos humanos e financeiros, as políticas de desenvolvimento de acervos indicadas no documento elaborado nas etapas anteriores, os princípios da instituição de ensino e da unidade de informação (caso tenha ocorrido troca de gestão) e análises de avaliação de agrado dos usuários.

Como é possível observar, tais processos podem facilmente ser utilizados para a estruturação de acervos para além de coleções restritas a documentos impressos. Tamanha adaptabilidade pode ser usada a favor de documentos mantidos como parte do suporte informacional para estudantes de cursos de moda.

Sob esse viés, ao não realizar a atividade de desbastamento, uma unidade de informação sabota sua atratividade e acervo como um todo, de modo que permite que documentos com baixo índice engajamento travem competição contra aqueles que possuem maior chance de satisfazer as necessidades informacionais da comunidade.

Diante disso, migra-se para a compreensão acerca da associação entre unidade de informação, acervo e coleção do ponto de vista genérico e, depois, aplicado à Moda e Indumentária.

3 UNIDADES DE INFORMAÇÃO E TIPOLOGIAS DE ACERVOS DE MODA

Assimilar o que caracteriza, individualmente, “unidade de informação”, “acervo” e “coleção” faz parte do entendimento da relação hierárquica entre esses termos. Ademais, é preciso estabelecer distinções entre tais vocábulos para compreender melhor o caso de acervos ligados à Moda (quanto à área de ensino e pesquisa). Como ponto de partida, inicia-se pelo termo ao qual subordinam-se os demais: unidade de informação.

Unidades de informação podem ser entendidas como organizações sem fins lucrativos que, ao oferecer serviços e produtos informacionais sem cobranças, contribuem com o desenvolvimento da sociedade. Com isso, estabelece-se que unidades de informação caracterizam-se pela sua razão de existir centrada no crescimento intelectual de usuários, alcançado tanto pela disponibilidades de documentos que contém, quanto pela prestação de serviços de informação. Todavia, os estudiosos detém como limite o setor público.

Paralelamente, pode-se reforçar a importância da unidade de informação a partir de uma definição mais organizacional, que pretere a contribuição social dessas estruturas em prol de um público interno - muitas vezes, pagante. Dentro dessa perspectiva competitiva,

[...] a biblioteca deve ser vista como uma organização, como uma empresa, a maioria das vezes, com fins não-lucrativos, com resultados programados e avaliados constantemente. Acredita-se que esta seja uma estratégia que possibilitaria à biblioteca competir, com maior acerto, no ambiente de inovações e incertezas que caracterizam o período. Um modo de facilitar o seu gerenciamento e acrescentar qualidade aos seus produtos e serviços, evidenciando o seu papel social junto às comunidades envolvidas (MENDONÇA; MACIEL, 2006, p. 7).

Também, é nítida a busca por um significado mais genérico, voltado à realidade de instituições de ensino de diferentes níveis de educação. Encaixando-se na perspectiva da Biblioteconomia, é cabível a utilização do termo unidades de informação para designar estruturas que oferecem serviços de informação bibliográfica (MACEDO; ORTEGA, 2019, p. 332).

Tarapanoff, Araújo Júnior e Cormier (2000) e Rocha e Gomes (1993) contextualizam unidades de informação ao ponto de vista de organizações e ao grande fluxo informacional decorrente do avanço das Tecnologias da Informação e

Comunicação. Os autores percebem informação e unidade de informação como recursos estratégicos relacionados à obtenção de vantagens frente à concorrência, por meio de constantes atualizações sobre o que há de novidades no mercado, na tecnologia, na ciência e análises de usuários e de fornecedores.

À luz do que é apresentado, é possível vislumbrar unidades de informação como um misto entre espaços que abrigam acervos com a finalidade de utilização para determinado público, solucionando suas demandas informacionais. Esses espaços-acervos podem variar quanto a instituições que são vinculados, oferecendo acesso e consulta de obras livre, restrita ou personalizada de modo a privilegiar sua rede de clientes em detrimento de meros visitantes.

Além de pertencer a certa unidade de informação, o acervo pode ser caracterizado também como um conjunto de documentos que pode ter como propostas satisfazer necessidades de informação, preservar a memória de determinada comunidade ou instituição e/ou gerar entretenimento. Em dicionário especializado, “acervo” é descrito como:

[...] conjunto de documentos armazenados e conservados em um arquivo
[...] conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação; fundo documentário, fundos de biblioteca. [...] parte maior do acervo em contraste com as coleções especiais [...] (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

As coleções são partes mais específicas de um acervo. Ressalta-se que uma unidade de informação pode ser composta por um acervo que, por sua vez, pode incluir várias coleções. Em seu dicionário de termos técnicos, Cunha e Cavalcanti (2008) retomam como uma das definições para coleção:

[...] parte do acervo de uma biblioteca que é mantida em separado, em razão de seu formato físico, assunto, data de publicação ou outra característica. P.ex., coleções de estampas, coleções de organismos internacionais, coleções de obras raras, etc [...].

Cunha e Cavalcanti (2008), Araújo (2015) e Pinheiro (2015) incluem em suas definições de coleções especiais apenas a raridade como característica determinante. Assim, percebe-se a abrangência de coleções tradicionais, como agrupamentos de livros correntes ou raros, disponíveis para consulta e/ou empréstimo. Todavia, com o surgimento do termo “coleções especiais”, passou-se a

adotar o termo “coleções convencionais” como indicativo para coleções que são formadas apenas por obras impressas, sem valor de raridade.

Sob esse olhar, é coerente assimilar coleções especiais à atividades que ligam-se ao desenvolvimento de estudantes, afetando positivamente seu amadurecimento intelectual e sensorial. Tratando a respeito do valor interdisciplinar das coleções especiais no contexto de livros raros, é possível afirmar que as coleções especiais são elementos fundamentais, pois

Tanto na perspectiva particular quanto institucional, coleções são mantidas para atender demandas informacionais ligadas a pesquisas, trabalhos técnicos e atividades de cunho cultural e científico. Mas é na dinâmica da pesquisa científica que as coleções raras e especiais exercem uma dupla função: fontes e objetos (ARAÚJO, 2015, p. 27).

Por mais que Araújo (2015) estivesse referindo-se a materiais bibliográficos, sua citação pode ser aproveitada também para abordar coleções especiais dentro de aspectos que tangem a diversidade de obras, desvinculando-se da noção tradicional que considera apenas obras impressas, especialmente revistas e livros. De maneira mais direta, Cósia (2015) explora o termo “coleções especiais” com maior flexibilidade, o que implica no distanciamento real de perspectivas tradicionais. A partir de uma visão mais ampla, a autora define coleções especiais como uma gama de possibilidades de documentos, ressaltando que

[...] as coleções especiais bibliográficas apresentam ampla variedade de gêneros, quais sejam: mapas, ilustrações, teses, selos, latas de cerveja, canecas, mascotes, troféus chaveiros dentre outros itens colecionáveis que, por seu grande volume, tornam-se coleções (CÓSCIA, 2015, p. 71-72).

Historicamente, tal reconhecimento veio há pouco tempo. Demorou-se para que estudiosos de Biblioteconomia dessem atenção a materiais que não fossem os livros e as revistas. Sob essa perspectiva, se os profissionais que trabalham com acervos especiais tivessem esperado alguma produção científica para estruturar seus acervos, estariam até hoje sem respostas. Salientando a falta de políticas para acervos especiais, a estudiosa ainda afirma que:

No Brasil, apenas recentemente as coleções especiais passaram a ser vistas como um material bibliográfico diferenciado, que exigia um tratamento técnico específico nas bibliotecas. Tais coleções resgatam a memória intelectual da sociedade, perpetuando o saber por meio do registro e disponibilização das criações humanas tanto bibliográficas como pictóricas, dentre outras (CÓSCIA, 2015, p. 71).

Ante o que foi apresentado, é explícita a importância do suporte informacional para além de materiais impressos, sobretudo no que diz respeito a estudantes de cursos que objetivam a criação e a produção de arte e cultura. O acesso a documentos bibliográficos auxilia na complementação do ensino teórico e viabilizam a familiaridade com objetos do cotidiano de profissionais. Por isso, é indispensável que instituições de ensino disponham de conjuntos de obras bem planejadas, catalogadas, indexadas, divulgadas e conservadas.

Enfim, estabelece-se a existência de uma hierarquia entre unidade de informação, acervo e coleção convencional ou especial, havendo uma relação de subordinação com base em comparação de dimensão. A ilustração abaixo evidencia unidade de informação como estruturas que servem como espaços de obtenção de informação para edificação do conhecimento, reunindo uma massa de documentos para consulta e/ou empréstimo, que constituem seu acervo. Na tarefa de solucionar variadas necessidades informacionais de seu público, acervos podem ser divididos em coleções específicas, distintas por tipos de temáticas, usuários que pretendem atender ou materiais que portam.

Figura 2 - Representação entre unidade de informação, acervo e coleção.



Fonte: autora (2021).

Apropriando-se sobre o que é unidade de informação, acervo e coleção de modo genérico, pode-se partir para as especificidades de obras referentes a cursos de moda. De fato, a construção de unidades de informação exclusiva para materiais ligados à moda é inviável para instituições de ensino; contudo, é injustificável a falta de amparo informacional para estudantes e professores. Cabe às instituições conhecer os principais tipos de acervos de moda para preparar espaços e obras dispostos em pequenos acervos, sendo compostos por coleções específicas.

3.1 Acervos de Moda

O acervo de moda pode ser formado por coleções elaboradas para suprir lacunas de informação de estudantes de cursos relacionados a Moda. Dessa forma, há o objetivo de contribuir com a produção intelectual e técnica nessa área, servindo para alunos de cursos superiores (bacharelado e tecnólogo), técnicos e profissionalizantes. Com esse objetivo, reúne-se diversos materiais úteis para a produção criativa de moda, incluindo:

[...] tanto coleções tradicionais (livros, revistas e jornais), quanto outros tipos de acervo (tecidos, objetos têxteis, vestuários de uma determinada coleção etc.). Considera-se desta maneira, estes elementos como importantes fontes de informação na Moda dessa maneira (SANTOS NETO; SANTOS, 2018).

Em outras palavras, nota-se que esses acervos têm o potencial de proporcionar liberdade, já que possibilitam a utilização dos sentidos (especialmente visão e tato), tornando seus usuários capazes de conhecer com maior intimidade texturas, fibras, padrões, cortes e estampas. Tanto para profissionais, quanto para estudiosos da moda, o reconhecimento das produções da área são imprescindíveis.

Acrescenta-se o fato de que a exposição de vestuário e indumentária pode ajudar na confecção de novas peças através da consulta visual e/ou tátil, servindo para observação de detalhes aplicados à criação de croquis, ao corte e à costura. Perante isso, é possível aproveitar a seguinte citação para abordar unidades de informação em moda em geral - mesmo que tenha sido direcionada a materiotecas e a tecitecas, originalmente -, admitindo que é essencial a criação de

bibliotecas competente o bastante para dar suporte ao ensino e à pesquisa, influenciando, diretamente, na criação de produtos com caráter inovador, estético e, sempre, alinhadas com a ergonomia (SILVA; SANTOS; GOMES; MONTEIRO, [2018]).

Infelizmente, é evidente a escassez de produções acadêmicas quanto ao desenvolvimento de acervos de estilismo tanto na área de Design de Moda, quanto em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Materiais de Moda, devido seu propósito próprio e sua tridimensionalidade, necessitam de diferentes observações durante os processos de Formação e Desenvolvimento de Acervos. Para construção deste referencial teórico, muitas vezes, os termos “modateca”, “teciteca” e “tecidoteca” serão generalizados como “acervos de moda” com o fim de expandir o pensamento de autores e enfatizar não o todo, mas o conjunto.

No Brasil, a história dos acervos de moda associados a cursos é recente, uma vez que, apesar do mercado de confecção de vestuário ser abrangente, a educação em moda foi inferiorizada por décadas ao ser associada a “dotes femininos”. De acordo com Aguiar (2015), era comum que o aprendizado fosse resultado de estudos com base em revistas e na prática, sendo a maioria dos profissionais formada por leigos e autodidatas.

Contudo, nas últimas décadas do século passado a área ganha um novo olhar, marcando sua valorização e o surgimento de cursos com o objetivo de capacitar profissionais, não donas de casa. Cheiram, Santos e Carlesso (2019) *apud* Pires (2002) corroboram que:

[...] no início dos anos oitenta nasceram os cursos de Moda no estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses cursos surgiram da necessidade que a sociedade apresentou em de estudar e formar profissionais com capacidade de criação (CHEIRAM; SANTOS; CARLESSO, 2019, p. 3).

Acrescenta-se que a regularização do ensino superior de moda foi impactada pelas demandas da classe média urbana que aumentavam a busca por roupas como elementos representativos e de informação sobre consumo; pelo número de universidades particulares e da oferta de cursos; e pelo “amadurecimento da indústria têxtil e de confecção, o que exigia dos candidatos aos empregos disponíveis mais qualificação, necessitando assim de maior conhecimento dentro do campo da moda”. (MARINHO, 2005 *apud* BORGES, 2007).

Seguindo o surgimento tardio do ensino de moda, é construída a primeira unidade de informação na área em âmbito nacional na década de 90, servindo a cursos de estilismo em modalidade superior para preservação da memória e pesquisa de tendências (ROKICKI, 2013, p. 1).

Atualmente, o Ministério da Educação (MEC) tenta assegurar um comprometimento mínimo das instituições no que tange à garantia de qualidade de ensino e recursos básicos para seu bom funcionamento. Assim, para atuar no apoio informacional desses estudantes, “desde 2008, o MEC requer que os cursos da área de Moda tenham em suas bibliotecas uma teciteca.” (ROKICKI; LEAL; KODAIRA; SILVA, 2016, p. 48).

Assim, pode-se entender que, ao menos um tipo de acervo é reconhecido como elemento complementar obrigatório na construção do conhecimento específico relacionado à moda. A Resolução CNE/CES nº 05, de 8 de março de 2004¹ é recordada por Aguiar (2015) como o documento que rege define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino superior em Design (onde encaixa-se variados tipos de cursos, incluído Design de Moda), deve contribuir com a formação de seus estudantes por meio de:

Art. 3º [...] capacitação para a apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística, para que o designer seja apto a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, artísticas, estéticas culturais e tecnológicas, observados o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades bem como as características dos usuários e de seu contexto sócio-econômico e cultural.

Por sua particularidade, o acervo de moda desafia o bibliotecário quanto a gestão, estruturação e conservação de materiais não-convencionais, demandando atenção particular. Em outras palavras, assume-se que, ao mesmo tempo que esses acervos aproximam-se de bibliotecas comuns por conta da preservação e do acesso a informações direcionadas a um público, também percebe-se que esses espaços precisam de técnicas apropriadas às suas particularidades.

Pensando na amplitude da pesquisa para aglomerar um conjunto de acervos ou coleções que compartilham o mesmo público-alvo, mas que distinguem-se pelos materiais dos quais são abastecidas. Destacam-se como

¹ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Resolução nº 5, de 8 de março de 2004. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design e dá outras providências. Disponível em: . Acesso em: 24 mar. 2021.

principais unidades que compõem esse termo: bibliotecas especializadas em moda, tecitecas, tecidotecas, modatecas, aviotecas e outras.

3.1.1 Biblioteca especializada em Moda

Em uma explicação simples, bibliotecas especializadas são unidades de informação que têm o intuito de atender a um público bastante específico, as vezes, segmentado por área de formação ou atuação profissional. Sob esse viés, compreende-se que “A biblioteca especializada é aquela que tem um acervo composto de material bibliográfico técnico destinado a atender os campos de atuação de uma determinada instituição.” (TARGINO, 1998).

Quando é discutida a necessidade de criação de bibliotecas para atendimento de estudantes universitários, a biblioteca passa a ser um elemento obrigatório durante a avaliação do MEC, com regras que explicitam o compromisso com o oferecimento de uma qualidade satisfatória. Gonçalves (2013) observa que o acervo de uma biblioteca universitária deve possuir:

- a) obras afins com os cursos da instituição de ensino e para o entretenimento;
- b) acervo de boa qualidade e diversidade de suportes;
- c) espaço de fácil acesso e projetado para o crescimento da biblioteca como organismo vivo, sempre disseminando informação.

Logo, tais requisitos podem ser aplicados por instituições de ensino que não encaixam-se nas modalidades que são avaliadas pelo MEC, destacando-se da concorrência pela existência e qualidade de bibliotecas especializadas nos cursos que mantêm em sua lista. Assim, a biblioteca passa a ser um recurso estratégico que armazena obras sem abranger somente teor acadêmico, que pode incluir na Política de Seleção:

- a) bibliografia básica e complementar (exigência do MEC para universidades);
- b) livros científicos, técnicos e de literatura;
- c) obras de referência, como enciclopédias e dicionários técnicos;
- d) manuais com orientações de passo-a-passos;
- e) jornais, periódicos científicos ou revistas comerciais famosas da área;

- f) entre outras características vistas como necessárias pelo bibliotecário responsável pelo acervo.
- g) serviços de informação, que podem ser assistência de referência, cursos e treinamentos.

Felizmente, as bibliotecas digitais e virtuais podem auxiliar nessa missão, viabilizando o acesso livre a base de dados, ao que não significa que a biblioteca física deva ser negligenciada (KRZYANOWSKI, 1997 apud OHIRA; PRADO, 2002). Por esse sentido, tais acervos são desenvolvidos como meio de complementar a disposição de livros e periódicos em unidades de informação. Nisso, usuários com acesso livre podem ler textos de forma remota e usufruir de recursos digitais, como aqueles que auxiliam na acessibilidade de pessoas com deficiência (PCD). É popular a assinatura mensal ou anual de bases de dados para ampliar a possibilidade de leituras (o que inclui obras com Direitos Autorais vigentes) ou economizar gastos com criação e manutenção desse serviço.

Ainda assim, é necessária a manutenção de coerência entre obras físicas e virtuais, utilizando políticas similares para selecionar coleções. Sobre a curadoria de acervos digitais, diz-se que:

Atualmente, a curadoria digital vem sendo utilizada como uma importante prática capaz de orientar a gestão voltada para organizar o crescente aumento do fluxo de informação digital, visando torná-la acessível para os usuários de hoje e amanhã, de forma íntegra, autêntica e confiável (BRITO; VIDAL; SIEBRA; PINHO NETO, 2020, p. 156).

Portanto, às unidades de informação de moda cabe a comparação com bibliotecas especializadas na área, pois armazenam documentos mais próximos do que entende-se como convencionais, isto é: livros, periódicos, fotografias, álbuns, entre outros. O objetivo dessas “bibliotecas de moda” é dispor de obras para suporte teórico de estudantes, professores, pesquisadores e visitantes. Não é incomum que coleções especiais (como, modateca e tecidoteca) pertencerem a bibliotecas especializadas, detendo o posto de subordinadas.

3.1.2 Tecidoteca e teciteca

Já a tecidoteca e teciteca, possuem coleções voltadas para a exibição de amostras têxteis e não-têxteis (materiais que são entendidos por leigos como tecidos, mas que não ganham tal denominação por especialistas do ramo), auxiliando no entendimento acerca de composição e caimento por exemplo. Antes de abordar a utilidade da tecidoteca para seu público, Vasques, Gomes, Fortunato, Paiva, Barcelos e Menegucci (2013) salientam tais acervos como fontes de informação preciosas por dar acesso visual às peculiaridades de cada amostra, destacando como exemplos:

[...] composição, nomenclatura, fabricante/fornecedor, capacidade de proteção, análise da superfície do design têxtil, sua mensagem estética, segmento *wear* e conservação.

Além do comprimento e da largura ou diâmetro, as demais características concludentes seriam: o encolhimento, a resistência à tensão, o alongamento, a elasticidade, a resistência à abrasão, entre outras (VASQUES; GOMES; FORTUNATO; PAIVA; BARCELOS; MENEGUCCI, 2013, p. 109).

De fato, a citação acima refere-se exclusivamente a tecidoteca, contudo, é possível expandir tal definição para contemplar a teciteca também, pois são apontados aspectos técnicos atendidos por ambas unidades de informação, marcando suas semelhanças.

Rokicki, Leal, Kodaira e Silva (2016) distinguem essas unidades de acordo com a existência ou falta do serviço de representação descritiva da informação. Sob seu ponto de vista, a tecidoteca demanda de análise e catalogação de cada peça, gerando uma ficha técnica que acompanha cada amostra; enquanto isso, a teciteca é limitada à apresentação de bandeiras de tecido (ROKICKI; LEAL; KODAIRA; SILVA, 2016).

Em encontro com a perspectiva de unidades de informação como espaços de educação, justifica-se a construção de tecitecas para comunidade acadêmica, pois:

O conhecimento, a nomenclatura e a classificação dos tecidos e substratos têxteis são de grande importância para o profissional de moda, visto que o tecido é a matéria prima mais usada para produção de moda. A grande variedade de tecidos e suas semelhanças mostram a importância de ter um acervo disponível para pesquisas, já que além da visualização do tecido, o

manuseio deste para análise é de grande importância para um profissional na área (MORELLI; SOUZA, 2010, p. 182).

Tendo acesso a mais artigos, conclui-se que é bastante expressiva a noção de que coleções especiais têm forte influência na formação de estudantes e auxílio a professores, uma vez que proporcionam liberdade na utilização de sentidos. Nisso, considera-se que:

A Teciteca é um complemento ao ensino teórico-prático para os alunos do Curso de Design de Moda, que vem auxiliar na compreensão e conhecimento dos conteúdos dados em sala. Ter-se um acervo de tecidos que auxilia aprendizado e melhora o discernimento a respeito dos têxteis, pois com o contato com o material o estudante melhora sua percepção tátil visual a respeito dos materiais e suas composições e amplia as suas perspectivas de criação (PEROTONI; VIEIRA-SENA; TEIXEIRA; MUCHINSKI; COSTA, 2014, p. 1).

Fica notória a importância de coleções de substâncias têxteis para a educação prática, orientando a confecção de roupas, calçados, chapéus, entre outros produtos que usam tais recursos. Sem proximidade com esses materiais, torna-se mais arriscada a escolha de matérias-primas e aumenta-se o risco de resultados insatisfatórios, com desperdício de mão-de-obra, tempo e recursos.

3.1.3 Modateca

A modateca mantém a atribuição de disponibilizar e expor peças de indumentária para auxiliar em pesquisas de cunho histórico ou museológico, sendo um espaço desenvolvido para preservação da memória, onde “[...] A informação a partir da cultura material está inserida no ambiente da biblioteca, como parte do acervo, com suas descrições de catalogação e indexação realizadas, tal como num material impresso.” (SILVA; VALÊNCIA, 2012, p. 111).

Rokicki (2013, 2015, 2016), Merlo e Caracio (2012) e Silva e Valência (2012) comungam que tais unidades de informação atuam no desenvolvimento de seus usuários, dando acesso a documentos, contribuindo com consultas a respeito do passado e da memória coletiva. A relação entre modateca e História ao destacá-las como espaços de memória, pois:

O homem possui uma relação única com os objetos guardados e estes se tornam uma espécie de registro documental, funcionam

como o resgate do passado. Num determinado momento, o apego e a necessidade de fazer a história, ou de preservá-la, permitem a guarda de um chapéu, de um casaco, acessórios como óculos e bolsas (ROKICKI, 2013, p. 4).

Em estudos da área de moda, roupas e acessórios ocupam um lugar de expressão para além do bonito ou feio, detendo a extensão exterior do indivíduo, expressando posição socioeconômica, étnica, política, idade e outros valores. Por isso, não é justo dizer que a moda trata-se de mera futilidade, sem valor para campos do conhecimento além da moda. Na Museologia, por exemplo, a roupa é entendida como elementos que:

[...] ocupam um limiar entre o produto/artefato artístico e o documento, entre o arquivístico e o museológico, sendo muitas vezes tratadas a partir de seu valor estético, tendo ocultado em algumas abordagens seu valor informativo e documental, parte de um contexto institucional e até administrativo, dotado de relação com os documentos em outros suportes que compõem o arquivo da instituição (ARAÚJO; DIAS; ABREU, 2018, p. 114).

Nisso, é visível a importância da modateca como um conjunto de documentos rico em possibilidades de usos, sendo interessante para estudiosos não apenas da moda, como de áreas que investigam comportamentos humanos e a preservação da memória em documentos. Além de Biblioteconomia, História, Sociologia e Museologia, pode ligar-se à modateca, a Química; sem tirar da Moda o protagonismo e motivo de existir dessas coleções.

3.1.4 Avioteca

Conhecidas como aviotecas (ou materiotecas), coleções de aviamentos são opções mais econômicas em termos de custo financeiro, podendo até ser compartilhadas com discentes para enfeite de peças de roupas confeccionadas durante a formação. Devido ao preço, tais coleções podem ser chamadas de “armarinho” no sentido pejorativo da palavra, que faz referência às pequenas lojas que comercializam-as e que, nem sempre, transparecem organização e higiene.

Dentro de uma visão menos dicionarizada e mais pertinente à realidade de aviotecas, destaca-se que:

[...] enfeites ou adornos têm a finalidade de cortar a monotonia de uma superfície lisa, ou colaborar para ressaltar e dar destaque a determinados detalhes dos modelos e é pensando nisso que esse ambiente foi idealizado a fim de aumentar o conhecimento dos alunos e auxiliá-los de forma que esses ampliem as possibilidades ideológicas, explorando os aviamentos em suas produções de moda. Colaborando no repertório de aviamentos em suas tecnologias e usos, contribuindo no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, trabalhos de conclusões de curso entre outras pesquisas realizadas na universidade, contando com amostras físicas e referenciais bibliográficos (COSTA, 1993, p.19 apud VEIGA; UBERNA, 2015, p. 3).

Portanto, é necessário um olhar sem preconceitos contra tais materiais e pesquisar quais de seus tipos melhor devem ser adquiridos pela unidade de informação, havendo conversas entre o bibliotecário responsável, professores de cursos de moda e representantes administrativos, a fim de escolher aqueles que serão mais úteis para uso em pesquisa e/ou acabamentos de peças dos estudantes.

3.1.5 Outras coleções

Apesar dos exemplos usados nesta pesquisa, é importante ressaltar que as unidades de informação em moda e indumentária não limitam-se a teciteca, tecidoteca, modateca, avioteca e coleções visuais e audiovisuais. Encarando a realidade da vasta quantidade de produtos desenvolvidos pelo Design de Moda, as possibilidades de unidades de informação para atender estudantes do curso são amplas. Desse modo, neologismos podem ser criados por meio da junção entre um termo capaz de representar o objeto de estudo e o sufixo “teca” que designa coleções variadas. Conforme Costa (2005) é mencionada por Sérgio, Regina, Yoshino, Araújo e Queiroz (2017), a origem de palavras como modateca, pode fazer referência à palavra que, em grego, indica caixa ou recipiente, sendo a partícula usada para "biblioteca".

De frente com origem, importância, definições e tipos de acervos relacionados ao contato com produtos da moda, é aberto caminho para o próximo debate: a consolidação do bibliotecário como profissional da informação capacitado para trabalhar com documentos tão diferentes de obras impressas.

3.2 O bibliotecário na estruturação de acervos de moda

Apesar de inegável a contribuição da Biblioteconomia para a moda por meio de suas técnicas de organização, disseminação e conservação informacional, essa ciência também participa da tomada de decisões a respeito da escolha de materiais relevantes para satisfazer necessidades de informação de estudantes de cursos de moda. A organização de espaços que trazem objetos de estudo do profissional da moda como fonte de informação para auxiliar no seu desenvolvimento através do ensino e da pesquisa são essenciais considerando-se o impacto da moda para a sociedade (GIMENEZ; SPUDEIT, 2013).

Por esse motivo, tais unidades de informação precisam de profissionais competentes para solucionar problemas ligados à administração, utilidade, atratividade e organização de acervos, tendo a consciência de que estão lidando com a preservação da memória e fontes de informação. Correspondendo a tais critérios, o bibliotecário ganha destaque como funcionário ideal para realização de serviços nesses locais, de modo que,

Uma das atividades tradicionais dos profissionais da biblioteconomia é armazenar a memória documental gerada por uma sociedade em um determinado período. Assim, é por meio do tratamento e armazenamento das informações produzidas em uma determinada época que essas memórias poderão ser recuperadas e utilizadas pelas gerações futuras (SANTA ANNA; PEREIRA; AZEVEDO; POLESE, 2014, p. 48).

Em meio ao enorme fluxo de informação que pode estar em forma impressa, tridimensional ou digital, o bibliotecário é o profissional que possui competência quanto à seleção de coleções para composição de um acervo, compreensão das demandas informacionais de seus usuários e organização de documentos. Ademais, assumindo que o profissional de moda deve estar em constante sintonia com tendências de mercado e moda, o bibliotecário pode servir como auxiliar de pesquisa, atuando na mediação da informação (SANTOS NETO; SANTOS, 2018).

Contempla-se que a participação do bibliotecário como mediador de informação aplicada à moda potencializa resultados em escala organizacional, pois

O cenário competitivo de informações em moda é dinâmico e competitivo e o uso da informação é indispensável para a competitividade sendo necessário lidar constantemente com o gerenciamento, organização, tratamento, disseminação, uso e reuso da informação de maneira mais dinâmica, pois a quantidade e complexidade das informações influem mais nas ações estratégicas (SANTOS NETO; SANTOS, 2018, p. 109-110).

Com conseguinte, o bibliotecário mostra-se como profissional capaz de realizar tomadas de decisão em relação a formação e desenvolvimento de coleções, gestão de unidade de informação e tarefas do cotidiano. Nesse sentido, cada unidade de informação deve contratar, no mínimo, um graduado em Biblioteconomia. A metodologia vem em seguida para reforçar o rigor científico da pesquisa e apresentar métodos, características, natureza, instrumentos e dificuldades ocorridas durante a escrita.

4 METODOLOGIA

A metodologia possui a função de evidenciar os métodos que foram utilizados por pesquisador(es) para dar procedimento à pesquisa, comprovando seu valor científico. Ou seja, trata-se de uma descrição da estrutura do trabalho com fragmentos de textos de outros estudiosos para definir cada ponto.

Conforme Matias-Pereira (2019, p. 31), a metodologia diferencia-se da teoria, sendo “[...] o conjunto dos métodos que cada ciência particular põe em ação. A colaboração entre demonstração lógica e experimentação, a interação entre ciências pura e tecnologia, é uma característica do espírito científico contemporâneo”. Então, é reconhecida a importância científica deste elemento.

Como acontece com frequência em produções procedentes das Ciências Sociais Aplicadas, esta pesquisa possui natureza básica, pois “abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem”. (GIL, 2010, p. 26).

Outra tendência seguida é o caráter qualitativo, onde são utilizados dados subjetivos e não estatísticos. Nisso, o caráter qualitativo do trabalho torna-se notável pelo fato de que pesquisas com o mesmo caráter são descritas como aquelas que detém “Dados coletados e registrados em palavras ou imagens, por exemplo, numa entrevista. [...]”. (APPOLINÁRIO, 2011, p. 41).

A descrição adequa-se às pesquisas que, como a presente, observam e analisam com atenção a detalhes seu objeto de estudo, que pode ser: um conjunto de sujeitos, acontecimentos ou formas de fazer algo. Dessa forma, salienta-se que “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. [...]”. (GIL, 2009, p. 42).

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em primeiro momento, para construir o pilar teórico da pesquisa e validação de afirmações através de citações de estudiosos. Segundo Marconi e Lakatos (2019), a pesquisa bibliográfica apoia a produção do conhecimento científico em livros, dicionários, ensaios, entre outras fontes bibliográficas, sendo o ponto de partida para edificação do conhecimento teórico e atualização.

Depois, foi escolhido como método de coleta dados o estudo de caso, visando desenvolver reflexões em torno de operações de um caso específico a partir de coleta e análise de dados. Diante disso, Gil (2009) caracteriza o método como pertencente àqueles que têm a função de delinear a pesquisa, sendo o mais brando em material a formas de realizar.

Para ter um bom proveito do objeto de estudo, foi preciso estabelecer requisitos mínimos, garantindo a solubilidade do problema, viabilizando a pesquisa e alcançando qualidade de resultados. Portanto, adotou-se:

- a) acervo de moda com finalidade pedagógica, independente da formação dos estudantes alcançados;
- b) descrever uma unidade de informação modelo (descartando acervos muito pequenos) e com um bom número de coleções especiais;
- c) ao menos um bibliotecário atuando em atividades de formação, desenvolvimento e gestão de coleções;
- d) oportunidade de visita presencial (excluindo unidades de informação em outras cidades);
- e) instituição que responde-se à permissão de uso de seu nome e de imagens fotografadas em suas dependências durante o prazo solicitado no ofício enviado.

Contudo, o estudo de caso não foi consistente o bastante para a compreensão da Modateca, demandando a inclusão de fragmentos de conversas com funcionários que participam da formação, do desenvolvimento e da gestão de acervos de moda da unidade de informação selecionada. Em primeiro momento, a coordenadora foi abordada, enquanto que na visita oficial, o bibliotecário responsável pela unidade tenha ajudado com a recepção, resposta à questões e validação de informações. Considera-se que:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 2019, p. 213).

A entrevista aberta mostrou-se mais adequada para abordar o funcionário, pois as perguntas foram elaboradas antes dos encontros. Define -se esse tipo de entrevista mais detalhadamente, na citação de que:

Nas entrevistas abertas, tanto as questões quanto a sua sequência são predeterminadas, mas os entrevistados podem responder livremente. Esta modalidade de entrevista tem como vantagens: (1) dá segurança ao entrevistador, já que este terá sempre uma questão a propor; (2) contribui para obter dados conforme os objetivos definidos, evitando as digressões; e (3) possibilita estabelecer comparações com outras entrevistas. [...] (GIL, 2009, p. 64).

Nesse contexto, o questionário eletrônico e a entrevistas foram direcionados ao bibliotecário do Senac-CE Reference e a bibliotecária que criou a Modateca e que coordena a rede de bibliotecas da instituição, respectivamente.

No decorrer do processo de escrita do trabalho, a metodologia mostrou-se bastante satisfatória, visto que conseguiu atender às especificidades do problema, possibilitando a construção de um referencial teórico condizente com a instituição utilizada no estudo de caso. Nos bastidores do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desafios e imprevistos existiram e exigiram flexibilidade, mas foram contornados.

4.1 Fatores pessoais que impactaram a pesquisa

Desde o ingresso no curso de Biblioteconomia, na Universidade Federal do Ceará, almejava escrever um TCC que fosse impactante para a área, abordando algum assunto que ainda não havia sido tratado. O interesse que desenvolvi por documentos relacionados à Moda inspirou-me a buscar trabalhar com tais materiais em minha monografia, ainda que não tivesse um vislumbre mais definido até iniciar o processo de escrita.

Em 2019, torna-se preciso criar um projeto de pesquisa como requisito obrigatório para obter a aprovação na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nisso, aproveitou-se a oportunidade para elaborar o que poderia ser uma espécie de esboço para a monografia, demandando seriedade e esforço precoces. Naquela época, já havia tido interesse em visitar a Modateca do Senac-CE Reference em busca de conhecimento e um local para

realizar um estudo de caso. A bibliotecária responsável pelo espaço recebeu-me muito bem, guiando uma visita por toda a unidade.

Anos mais tarde, persiste o desejo de trabalhar com itens de estilismo, porém, com maior amadurecimento das fontes de informação, noções de normalização e mudanças no problema que orienta o trabalho. De novo, em contato com Isadora Almeida (nome fictício)², a profissional procedeu dentro de seus limites para facilitar a realização desta pesquisa nas imediações da Modateca. Um ofício necessitou ser escrito e encaminhado à instituição presencialmente, ao que foi respondido em tempo hábil para usufruir da permissão, respeitando a pesquisa e o fato dela compor um TCC, tendo um prazo para ser entregue.

Depois disso, as visitas e respostas foram proferidas pelo bibliotecário da unidade de informação: Heitor Gomes (nome fictício), que demonstrou bastante atenção e compromisso com a pesquisa.

Apesar da pesquisa ter sido produzida durante a pandemia de covid-19, não existiram grandes dificuldades para as visitas à Modateca, já que nenhum *lockdown* estava em vigor no período. Entretanto, o acesso a livros e periódicos físicos foi bastante restrito, incluindo fichamentos derivados de leituras durante a escrita do projeto de pesquisa (em 2019), de obras do estágio supervisionado em uma biblioteca e de documentos disponibilizados em bases de dados abertas a todos. Mesmo com o desafio, a pesquisa conseguiu embasamento para sua continuação, de forma satisfatória.

² Recurso utilizado por pedido do orientador para não expor funcionários.

5 ESTUDO DE CASO NA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE

Há décadas, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) capacita milhares de pessoas para atuarem no mercado de trabalho ou montarem seu próprio negócio em diversos segmentos do comércio de bens, serviços e turismo. Segundo seu *website*³, a instituição detém mais de 600 unidades por municípios de todo Brasil, contemplando cursos em modalidade presencial e à distância.

No Ceará, apesar de destacar-se pela educação profissional, o Senac disponibiliza cursos em vários níveis, como; livre (formação inicial, aperfeiçoamento e atualização), técnico, graduação, pós-graduação e idiomas⁴. No estado, a instituição distribuindo-se em 12 sedes, sendo: Centro-Fortaleza, Reference e Riomar, na capital; Aquiraz; Cedro; Crato; Iguatu; Itapipoca; Juazeiro do Norte; Maranguape; Quixadá; e Sobral. Em todas unidades há ambientes pedagógicos para auxiliar no desenvolvimento de estudantes e professores.

Em especial, o Senac Reference avulta-se pela arquitetura deslumbrante e moderna, localização estratégica (na área nobre de Fortaleza) e espaço amplo (4.437,07 m²). No *website* do Senac-CE⁵, a sede Reference é descrita como um local tecnológico e modelo, afirmando que:

O Reference conta com espaços e ferramentas que transformam o processo de aprendizagem numa experiência muito mais rica. Entre esses recursos, estão biblioteca com acervo virtual, além do físico; aromateca; modateca; Livraria Senac; Sala Google; Cozinhas experimentais; Café; snack bar e restaurante. A unidade oferece também atividades em colaboração com instituições internacionais. Além dos cursos de formação básica, o Reference traz cursos rápidos e workshops para constante atualização em segmentos como Design, Idiomas, Moda, Gastronomia, Beleza e Gestão e Negócios.

³ Dados colhidos do *website* do Senac sobre a instituição de ensino. Disponível em: <https://www.senac.br/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

⁴ Informação obtida do *website* do Senac do Ceará. Disponível em: <https://www.ce.senac.br/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

⁵ Informação encontrada no *website* do Senac-CE a respeito das unidades. Disponível em: <https://cursos.ce.senac.br/nossas-unidades/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

A imagem seguinte evidencia a vista externa do prédio, tendo como espectador aquele que prepara-se para atravessar um cruzamento, próximo a esquina de uma avenida movimentada.

Imagem 1 - Vista externa do prédio do Senac-CE Reference.



Fonte: ambientes (2020)⁶.

Entre salas e laboratórios focados em diversos tipos de usuários e áreas de atuação profissional, sobressai-se a Modateca. Em cenário estadual, a Modateca é considerada por esta pesquisa a mais relevante unidade de informação em moda, sem enfrentar concorrentes. Há dezenas de instituições em nível superior que mantêm acervos para acadêmicos de cursos superiores em Design de Moda, contudo, tais unidades de informação costumam ser, em maioria, somente bibliotecas especializadas mistas, com materiais impressos de vários cursos.

Como resultado de extensa pesquisa e interação entre áreas de atuação, a modateca firma-se no primeiro andar após o térreo, distribuída em 10 m². A Modateca conta com:

- a) 02 funcionários (01 bibliotecário e 01 assistente administrativo);

⁶ Fotografia da fachada do Senac-CE Reference sob autoria da Revista Ambientes. A imagem é parte de uma matéria que detalha a Arquitetura e o Design da unidade. Disponível em: <https://www.revistaambientesce.com.br/2020/01/29/senac-reference-voce-ainda-mais-referencia-no-q-ue-faz/>. Acesso em: 09 set. 2021.

- b) 01 balcão de atendimento com estofados e prateleiras apresentando as novidades em periódicos e livros;
- c) 01 sala para reuniões com isolamento acústico;
- d) 02 computadores para leitura do acervo digital e acesso livre;
- e) espaço com obras impressas, mesas e cadeiras (biblioteca);
- f) espaço multimídia com DVDs institucionais, estofado e televisão (Imagem 3);
- g) mesas de estudos;
- h) acervo especializado em moda com exposição de peças de roupa e acessórios, linhas de costura, amostras de tecido, *patches*, etc.

Imagens 2 e 3 - Dependências da Modateca do Senac-CE Reference.



Fonte: autora (2021).

A participação profissional de bibliotecários é respeitada pela instituição de ensino, havendo graduados da área de conhecimento atuando na coordenação da rede de bibliotecas e na gestão cotidiana das bibliotecas das unidades de informação, o que inclui o Reference. Tal valorização compactua com a perspectiva trazida no referencial teórico e validada por Gimenez e Spudeit (2013) e Neto Santos e Santos (2018), firmes na afirmação de que o formado em Biblioteconomia é a quem compete a administração de documentos de Moda.

5.1 Processo de Formação e Desenvolvimento de Coleção da Modateca

Para compreender como foi realizado o Processo de Formação e Desenvolvimento de Coleções na Modateca e captar informações que não estão

presentes no *website* do Senac-CE Reference, elaborou-se um questionário eletrônico com perguntas (o qual encontra-se no Apêndice A, na página 91 deste trabalho). Devido o fato das perguntas serem pertinentes à gestão e à elaboração da Modateca, o questionário teve de ser direcionado para a responsável pela criação da unidade de informação e coordenadora da Rede de Bibliotecas do Senac-Ce, a bacharel em Biblioteconomia e especialista em Gestão da Informação, Isadora Dias (*nome fictício*). Por isso, os fragmentos que encontram-se aqui com o sobrenome Dias são citações da profissional citada.

A profissional estudou a criação de modatecas e chegou a visitar o Centro Universitário Senac *campus* Santo Amaro, em São Paulo; o Senac Lapa Faustolo, em São Paulo; e a Tecidoteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP) (informação informal)⁷. Segundo Dias (2021), participaram da construção do espaço e do acervo profissionais da Biblioteconomia, Arquitetura e Moda.

Na prática, a Modateca segue as etapas do Desenvolvimento de Coleções defendidas por Vergueiro (1989), possuindo normas que orientam a gestão de seus materiais. Desde a idealização da Modateca são elaboradas regras ligadas à FDC, Dias (2021) recorda que: “[...] Iniciamos com a identificação de outras Modatecas dentro do Senac e fora (estudo de caso); Definição da composição do acervo (Política de Aquisição); Definição da incorporação de materiais (Política de Desenvolvimento de Coleções)”.

No que tange à percepção do público, a coordenadora conseguiu distingui-lo em usuários locais - devidamente cadastrados na rede Senac-CE - e visitantes. Tal segmentação não exclui sujeitos da utilização do espaço, somente estabelece prioridades. Como resultado, tem-se que:

[...] Os nossos usuários reais são todos os nossos alunos e instrutores que através dos nosso acervo utilizam nossos materiais como fonte de pesquisa ampliando ainda mais as referências de ensino e pesquisa no curso. Os usuários potenciais é toda a comunidade que tenha interesse em frequentar a Modateca e do mesmo modo pesquisar (DIAS, 2021, informação verbal).

⁷ Informação fornecida pela coordenadora da Rede de Bibliotecas do Senac-CE e criadora da Modateca do Senac-CE Reference, Isadora Dias (nome fictício), em questionário eletrônico, em Fortaleza, em agosto de 2021.

A seleção é movida pela responsabilidade de atualização, pois “Os usuários necessitam estar antenados com as tendências e a seleção ocorre de acordo com os cursos que nós ofertamos. (DIAS, 2021, informação informal). O compromisso com a qualidade do conteúdo também faz parte do processo de Desenvolvimento de Coleções, onde a tomada de decisão considera editoras especializadas no assunto, sem priorizar uma editora sem critérios racionais (DIAS, 2021, informação informal).

Isso entra em conformidade com os textos de Vergueiro (1989, 2010), Achilles (2014) e Stumpf (1988), pois reafirma a vantagem de apoiar a Formação e o Desenvolvimento de Coleções em estudos de usuários para conectar-se com as necessidades informacionais de usuário.

No questionário eletrônico, Dias (2021) assinala que a gestão de coleções na Modateca é norteada por validação de dados - quantitativos, qualitativos e fatores de uso dentro da Metodologia de Lancaster (1966) instrumentos - e uso de instrumentos que são: sugestões de professores e estudantes da instituição, catálogos e bibliografias e/ou listas de editoras (DIAS, 2021, informação informal). Soma-se a isso a explicação da coordenadora, que diz que:

As bibliografias dos cursos regem em primeiro lugar o desenvolvimento do acervo. Depois consideramos as sugestões dos instrutores, técnicos do Senac e dos usuários. Observamos se o título possui aderência aos assuntos que constam em nossas coleções e verificamos em uma entrevista breve com quem está fazendo a sugestão se não apenas uma necessidade pontual (DIAS, 2021, informação informal).

Não obstante, afere-se que a seleção é um processo refinado, que baseia-se em argumentos realistas. A manutenção de obras no acervo vem em encontro à seleção, onde os fatores que impactam na permanência de itens são: “Sua atualidade, estado de conservação, uso”. (DIAS, 2021, informação informal).

Por conseguinte da Modateca ser uma unidade de informação embrionária e, relativamente, jovem; presume-se que ainda não foram orquestrados descartes significativos. No entanto, pela resposta da bibliotecária-gestora, é visível que pretende-se propiciar um crescimento prudente das obras. O olhar crítico sobre os documentos é defendido por Vergueiro (1989, 2010), Kremmer e Caldeira (1997)

e Alonso (1988), que incentivam o questionamento constante em cima do valor das coleções para sua comunidade.

Em razão de ser necessário detalhar as coleções com o fim de delinear sua especificidade, o estudo de caso ramifica-se em seções individuais. Sob essa lógica, inicia-se com a biblioteca especializada, respeitando sua importância para o reforço do ensino em sala de aula junto ao acervo virtual. Depois, são apresentadas as coleções especiais que tornam a Modateca do Reference. Assim, vem em ordem: tecidoteca, modateca e aviateca.

5.2 Biblioteca especializada

Situada à esquerda do balcão de atendimento, a biblioteca do Reference possui estética em concordância com a proposta do prédio, ficando notório o empenho em transparecer modernidade, conforto e segurança. Em aspectos de infraestrutura, a biblioteca é bastante colorida, moderna e iluminada, portando cadeiras, mesas e estantes agrupadas de modo que é possível encontrar com facilidade obras por meio de sinalização de prateleiras e lombadas à vista.

Imagem 4 - Parte do conjunto de prateleiras na biblioteca do Reference.



Fonte: autora (2021).

No que tange à gestão de acervos, o Senac-CE Reference conta com um considerável conjunto de obras para apoiar estudantes e professores da própria unidade, priorizando a comunidade interna nos processos de formação e desenvolvimento de acervos. Assim, encontra-se nas prateleiras centenas de títulos

especializados em áreas correlatas aos cursos oferecidos, compreendendo Moda; Gastronomia; Idiomas Inglês, Francês e Espanhol; Gestão de Negócios, Design; Beleza; por exemplo. Como bibliografia complementar, há também materiais bibliográficos relacionados a assuntos interdisciplinares, como: Administração, Marketing e Empreendedorismo.

Na prateleira destinada à moda, dezenas de livros estão organizados por Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Tabela de Cutter. A imagem abaixo proporciona uma vaga ideia da dimensão da coleção, todavia, não registra a realidade, uma vez que diversos fatores impactam no número reduzido de obras que são apresentadas. Elege-se como pontos a serem refletidos:

- a) a quantidade de revistas especializadas armazenadas em prateleiras perto do balcão de atendimento e fora da biblioteca, com o intuito de chamar a atenção para novidades;
- b) o fato desta pesquisa ser realizada durante o segundo ano da pandemia de covid-19, deixando de trazer na fotografia títulos emprestada em respeito a protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e decretos da Prefeitura de Fortaleza;
- c) auxílio de bases de dados com conteúdos digitais autorais.

Imagem 5 - Coleção de obras impressas na área de moda e afins.



Fonte: autora (2021).

Como recursos informacionais em suporte digital, a rede de ensino agrupa milhares de títulos prontos para leitura de seus integrantes. Tanta quantidade de documentos advém da assinatura da plataforma de periódicos

Pressreader (que inclui revistas renomadas, como a Forbes) e da Biblioteca Digital Senac. Graças ao compartilhamento de obras autorais, a Editora Senac São Paulo soma ao acervo de bibliotecas de unidades pelo Brasil inteiro.

No que tange à moda, constam variados materiais que abordam empreendedorismo, sustentabilidade, marketing, uso de *softwares* de edição, guias de estilo, modelagem, *stylist*, desenho técnico, entre outros.

Imagem 6 - Interface da plataforma da Biblioteca Digital Senac.



Fonte: autora (2021).

Diante disso, é perceptível a importância de coleções convencionais até mesmo para suporte de estudantes de cursos relacionados à produção, cultura e arte. No caso da Moda, a edificação do conhecimento teórico concede base tanto para práticas ligadas a produtos e serviços, auxiliando em estudos de anatomia humana para desenhos, modelagem, marketing, administração de materiais, entre outras atividades competentes ao profissional de moda. Todavia, é preciso ultrapassar moldes tradicionais de acervos para dar o suporte necessário aos docentes de moda, cabendo a formação e o desenvolvimento de coleções especiais.

5.3 Tecidoteca

Tal qual a definição empregada por Rokicki, Leal, Kodaira e Silva (2016), chama-se de Tecidoteca a parte do acervo que guarda e exhibe amostras de tecidos

com fichas técnicas para facilitar o ensino e a pesquisa. Graças à tal coleção de fibras têxteis disponíveis para consulta, dúvidas em relação a determinados tipos de composição e entrelaçamento de fibras são solucionadas. Decidiu-se trazer nas etiquetas de identificação das fichas técnicas aspectos, sendo: código de identificação, nome popular do material têxtil, composição, largura, cores e notas referentes à informações complementares sobre a coleção.

Usando as etiquetas, foi possível encontrar para pesquisa, pedaços de: seda, tafetá, denim; tendo como composições poliéster, seda pura, nylon, elastano, algodão, viscose, e variadas outras amostras.

Imagem 7 - Exemplo de arara com amostras de tecidos catalogadas.



Fonte: autora (2021).

Sob esse viés, identifica-se a primordialidade da estruturação de tecidotecas pautadas na liberdade de experimentação visual e tátil e na representação da informação por meio da elaboração de fichas técnicas.

5.4 Modateca

Mais uma vez, vale ressaltar que esta pesquisa apega-se à fragmentação de unidades de informação de moda, compreendendo, separadamente, suas coleções. Por esse motivo, a coleção da Modateca é delimitada pela percepção de Rokicki (2013), considerando itens de exposição com objetivos relacionados à memória de uma cultura, um artista ou da instituição; e observação de técnicas empregadas na confecção de peças de vestuário ou acessórios.

Imagem 7 - Vista de parte da coleção da Unidade de Informação por dentro.



Fonte: autora (2021).

Em bonecas, manequins em tamanho humano, prateleiras e cabides são expostos artigos variados, o que inclui: coleções compostas por peças de vestuário e/ou acessórios e máquinas de costura e corte, em modelos atuais e antigos.

Imagem 8 - Exposição de vestidos em tamanho miniatura.



Fonte: autora (2021).

Algumas peças não possibilitam o toque, sendo resguardadas por vitrines ou prateleiras com parte de vidro transparente. O cuidado é necessário para segurança e conservação de materiais próprios, com valor monetário e simbólico, ou adquiridos por empréstimo de personalidades famosas. Lembrado pelo resgate da

cultura sertaneja customizada com cores vivas, Mestre Espedito Seleiro é um dos artistas que disponibilizou criações ao Reference. São chapéu, vestido, jaqueta ou gibão, bolsas, mochila, sandálias e colete, inspirados em estilo típico do sertão cearense e nordestino.

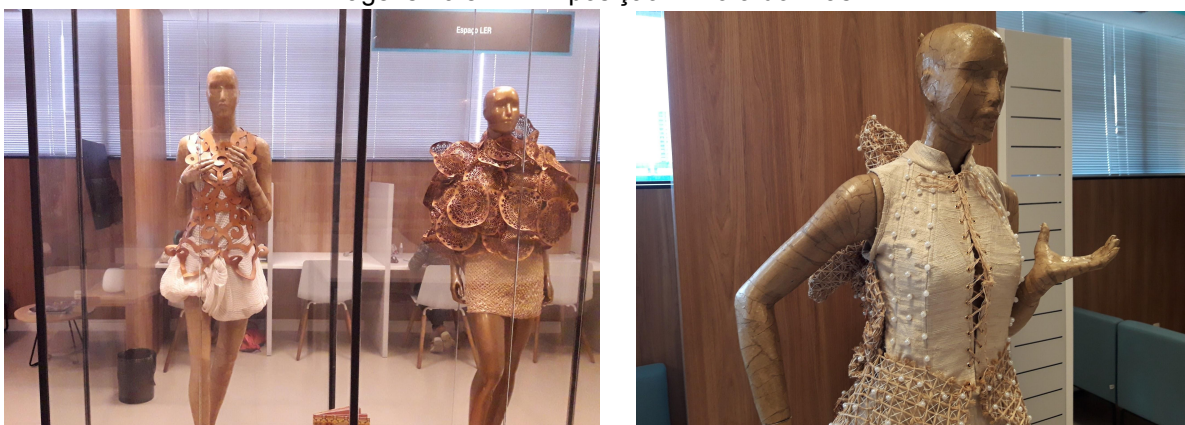
Imagem 9 - Exposição da coleção do artesão Mestre Espedito Seleiro.



Fonte: autora (2021).

Outra coleção que atrai olhares é “A hora do Brasil”, que levou apenas cinco (05) dias para ser produzida por um coletivo de estudantes do Senac; vinte (20) profissionais do estilismo, artesanato, design, artes plásticas; e líderes, com coordenação do estilista e designer Jum Nakao. Usou-se como matéria-prima elementos típicos da cultura regional, que remetem à paisagem sertaneja, como: couro, tons terrosos, cordas, técnicas de xilogravura, entre outros.

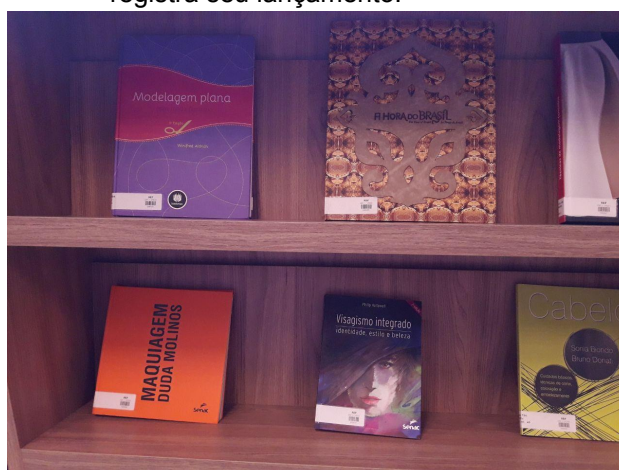
Imagens 10 e 11 - Exposição “A hora do Brasil”.



Fonte: autora (2021).

A coleção ainda é complementada por um livro que aborda o desfile das produções, permitindo a visualização de detalhes. A obra desperta o interesse por ser alocada em uma das prateleiras de exposição de materiais impressos e por seguir o visual das roupas e acessórios, o que inclui o ornamento em couro na capa e um pequeno cordel em seu interior.

Imagem 12 - Um dos detalhes da coleção é o livro que registra seu lançamento.



Fonte: autora (2021).

Regredindo ao referencial teórico e às citações de Rokicki (2013), Merlo e Caracio (2012) e Silva e Valência (2012), vê-se que as obras com visual regionalistas interagem em equipe para fortalecer a história de determinada população, envolvendo-se com o orgulho de ser nordestino, nesse caso. Aqui, a Modateca trata da reconstituição da cultura sertaneja, levando suas produções para serem armazenadas com livros científicos e técnicos, periódicos especializados, amostras catalogadas de fibras têxteis, *etc.*

Frente às coleções emprestadas à Modateca, a unidade de informação ainda não dispõe de doações nem permutas para outras instituições, nem mesmo da própria rede (DIAS, 2021, informação verbal). Futuramente, poderá ser interessante construir essas políticas para coleções itinerantes, talvez.

Enfim, é mostrado que a Modateca não só expõe obras que são úteis para conceder noções de modelagem, costura e caimento de tecidos, mas também remonta à cultura regional, contemplando-a ao mesmo tempo que traz peças bem-feitas. Outro ponto positivo é a valorização da produção de estudantes, compondo uma coleção ligada à memória da própria instituição.

5.5 Avioteca

Conforme os textos de Veiga e Uberna (2015), os aviamentos integram parte considerável do acervo da Modateca do Reference. De encontro com a certeza sobre o *status* dos demais conjuntos de objetos de moda como coleções, a existência da avioteca pode ser questionada com maior facilidade. Em consequência de não comportar obras tão valiosas em valor financeiro nem ser tão expressiva quantitativamente e qualitativamente em comparação à tecidoteca, modateca e biblioteca especializada da instituição, a avioteca pode sofrer com preconceito quanto à sua aprovação como coleção. Essa afirmação deve-se à pouca literatura sobre aviotecas e a cultura cearense de que lugar de aviamentos é em armários, no Centro, ou em casas de costureiras.

Imagem 13 - Fotografia de parte dos itens da tecidoteca (em araras) e da avioteca (em prateleiras).



Fonte: autora (2021).

Engendram a avioteca: *patches*, meias-pérolas, zíperes, kits de costura (alfinete de dama, linha, tesoura e botões), alfinetes de cabeça, linha de costura, entre outras peças menores. Em consonância com o objetivo de servir para a familiarização, esses materiais são disponíveis em prateleiras, junto com artigos da

modateca; porém com o diferencial de estarem livres ao toque e uso dos discentes da rede para realização de acabamentos em peças de roupas.

Nota-se que, além de cumprir objetivos pedagógicos, os aviamentos também participam da decoração do ambiente como enfeites por meio de pedrarias falsas, bordados, tons metalizados e coloridos, desenhos florais e geométricos e outros atrativos visuais.

5.2 Avaliação das coleções

De início, reflete-se sobre a utilização da denominação Modateca pelo Senac-Ce Reference para designar toda a unidade de informação. Com base no referencial teórico desenvolvido, afirma-se que a estrutura dispõe de coleções para além das expectativas que giram em torno da palavra modateca, ultrapassando o armazenamento de obras com propósito histórico-cultural aliado a fins pedagógicos. A figura 3 apresenta as coleções específicas identificadas durante a pesquisa, que são: Biblioteca Especializada (Física e Virtual), Tecidoteca, Modateca e Avioteca.

Figura 3 - Coleções que compõem a Modateca do Senac-CE Reference.



Fonte: autora (2021).

Como argumento para manter a designação Modateca, está o desejo de assim chamar a unidade de informação desde sua idealização, o que é compreensível, pois, de forma oficial, a literatura ainda não é rica o bastante para trazer algum termo capaz de abranger adequadamente vários tipos de coleções. A

preferência por modateca também pode ser dada pela obviedade e pelo tamanho curto da palavra, tornando-a fácil de falar.

A análise da qualidade da formação e do desenvolvimento de coleções da instituição exige um levantamento dos cursos ministrados nas unidades do Senac no Ceará, contando aquelas localizadas na capital fortalezense e no interior do estado. Como o Reference é um espaço de acesso aberto, fica entendido que seu uso estende-se a estudantes de toda a rede cearense com cadastros ativos.

Cursos nas categorias de Gestão e de Comércio são ignorados na lista porque possuem conteúdos voltados à aplicação em negócios genéricos, de maneira proposital, sem visar um setor específico.

Outros parâmetros que delimitam quais cursos são adequados para avaliação estão na proposta de aprendizado, onde prima-se por aqueles que contribuem com a formação do profissional de moda. Nisso, pertencem aos critérios cursos que: capacitam indivíduos para prestação de serviços ou produção de itens de vestimenta ou indumentária; têm relação com o cotidiano profissional de *designers*, *stylists*, costureiros, alfaiates, modelistas, artesãos ou empreendedores do ramo; sustentabilidade aplicada à moda; respeito à classificação da biblioteca física ou virtual; e manipulação de matérias-primas no setor.

Como consequência das escolhas de tais requisitos, considera-se parte dos cursos classificados no *website* da instituição dentro de Beleza e Moda. Então, nota-se que é necessário segmentar cursos por unidade e apontar de quais coleções atuam na satisfação de necessidades informacionais de estudantes e professores atuais.

Para julgar se existe suporte informacional a cada curso, investiga-se se a presença ou ausência de títulos em determinados assuntos em prateleiras da biblioteca física e nas plataformas virtuais. Quanto à utilidade das coleções especiais, inspeciona-se o contato com exemplos dos produtos ou serviços que serão trabalhados durante as aulas. A leitura de resumos de livros e revistas é uma aliada do processo, já que possibilita ter ideia de seus assuntos.

Tabela 2 - Lista de cursos oferecidos pela Rede Senac no Ceará na área de Moda com relação a avaliação de coleções.

Nome do curso	Unidade (Cidade)	Coleção convencional	Coleção especial
Beleza			
Penteados básicos: preparação e montagem	Senac Centro (Fortaleza)	Biblioteca especializada.	(Não se aplica)
Automaquiagem	Senac Itapipoca (Itapipoca)	Biblioteca especializada.	(Não se aplica)
Workshop de penteados simples e rápidas	Senac Riomar (Fortaleza)	Biblioteca especializada.	(Não se aplica)
Workshop: automaquiagem	Senac RioMar (Fortaleza)	Biblioteca especializada.	(Não se aplica)
Moda			
Bordado em pedrarias	Senac RioMar (Fortaleza)	(Não encontrado pela autora, o que não atesta a inexistência no acervo).	Avioteca.
Costureiro	Senac Centro (Fortaleza), Senac Sobral (Sobral)	Biblioteca especializada e virtual.	Modateca.
Introdução à Moda Sustentável	Senac Ceará (Fortaleza), Senac Maranguape (Maranguape)	Biblioteca especializada e virtual.	---
Modelista	Senac Centro (Fortaleza)	Biblioteca especializada e virtual.	Modateca.
Artes			
Customização de peças com miçangas	Senac RioMar (Fortaleza)	(Não encontrado, o que não atesta a inexistência no acervo).	Avioteca, Modateca.

Fonte: autora (2021), baseada no *website* do Senac-CE.

A estrutura da Tabela 2 alcança somente a educação de nível profissionalizante, pois trata de cursos de curta duração, o que é útil para dar um panorama da qualidade de coleções do Senac-CE, atualmente. A construção da Tabela 2 condiz com a descrição da Formação e do Desenvolvimento de Coleções realizado na Modateca do Reference e guia a criação e manutenção de outros acervos na área de Moda e Indumentária pautada não em uma fórmula fixa a ser copiada por outras instituições, mas na reflexão sobre quais cursos são oferecidos e como é possível dar suporte informacional a estudantes, professores e visitantes. Contudo, com planos futuros de expandir a rede de ensino para oferecer cursos superiores, a qualidade deverá ser guiada pelas exigências do MEC.

Por isso, é inegável sob o que foi descrito que a Modateca do Senac-CE Reference ultrapassa expectativas em relação ao papel fundamental de unidades de informação gerais, compreendendo as particularidades de seus usuários.

6 PROPOSTA DE IMPLEMENTAÇÃO DE COLEÇÃO

A Moda é uma área que retroalimenta-se, constantemente, em busca de inspirações para a criação de novos produtos a partir de referências anteriores. Como instrumento para tamanha escala de consumo e produção, fontes de informação visual são instrumentos ricos para estudantes de moda.

No futuro, a Modateca (ou outra unidade de informação pertencente ao Senac-CE) pode incrementar uma coleção de fotografias ao seu acervo, colecionando e dispondo para o público fontes de informação em moda visuais são diversas, desde que sigam o objetivo de inspirar a criação de novos estilos e produtos baseados em itens iconológicos que marcaram sua geração. Podem compor tais coleções: fotografias, pinturas, filmes, vídeos e desenhos. Desse modo, uma coleção de documentos visuais e audiovisuais é uma opção que impacta em inspiração para estudantes.

Tendências de moda podem ser definidas, vulgarmente, como a popularização de produtos, serviços, cores, cortes de modelagem ou cabelo por meio de canais de comunicação. Dias (2010), divide o modismo em dois tipos: a mania, que surge e some de forma rápida, e a onda, que ocorre de forma menos meteórica, sendo que “seu surgimento ocorre de forma mais demorada, da mesma forma que sua aceitação na sociedade. Por esse motivo, sua durabilidade é maior quando comparada à da mania”. (DIAS, 2010, p. 116)

Por trás do visível, estão latentes mudanças de cunho tecnológico, social, cultural, político ou religioso. Sob a perspectiva do estudos em moda, diz-se que:

[...] as tendências de moda não apenas intervêm no vestir e na aparência através de transformações estilísticas. Acredita-se que “o que se ‘consome’ – desde os bens até os lugares, passando pelas ideias – está doravante submetido a períodos de predileção seguidos por outros de abandono. O grande mistério para o pesquisador reside no fato da adoção de tendências de comportamento e modos de valor semelhantes por pessoas tão espaçadas espacialmente (CAMPOS; RECH, 2010, p. 181).

Há décadas, a indústria cinematográfica contribui com a aceitação de tendências, transformando produtos e serviços em sonhos de consumo. Conforme Campos e Rech (2010), a influência de Hollywood no vestuário inicia-se na década de 30, tendo a silhueta de Greta Garbo como inspiração para o design de vestidos

com foco na valorização de ombros largos (as vezes, mais soltas na parte de cima) e mais justos nas nádegas.

Nisso, estrelas *hollywoodianas* são imortalizadas por *looks* que vestiram em filmes, cerimônias religiosas ou de premiação, fotografias, entre outros registros. Em muitos casos, ao lembrar de certas cenas de filmes ou celebridades, veem a mente também acessórios, peças de vestuário ou tecidos icônicos. Os exemplos são vastos, incluindo: o vestido tubinho rosa usado por Marilyn Monroe em “Diamonds are a Girl’s Best Friend” - clipe musical de “Os homens preferem as loiras” (1953) -, replicado por Madonna no clipe musical *Material Girls* (1984), o polêmico vestido de carne usado por Lady Gaga escolhido para a entrega dos prêmios da Music Television (MTV), em 2010, e os figurinos dos personagens dos filmes “Grease Nos tempos da brilhantina” (1978) e *Cruella* (2021) - da Disney. Os vestidos de noiva de famosas costumam ganhar bastante notoriedade na mídia e servem de inspiração para mulheres anônimas, impactando no aumento de buscas por modelos parecidos por anos ou décadas.

Imagem 14 - A referência de Madonna a Marilyn Monroe é óbvia pelas similaridades presentes na letra, coreografia e aspectos estéticos (o que inclui vestimentas e acessórios).



Fonte: Plano Crítico (2020)⁸ .

⁸ Imagens reunidas por Leonardo Campos para o blog Plano Crítico com o objetivo de explicitar a metalinguagem utilizada por Madonna para recordar a interpretação de Marilyn Monroe em

Os vestidos de noiva também surgem como exemplo de tendências, sendo marcantes os modelos vestidos por mulheres com grande visibilidade, como: a Rainha Vitória do Reino Unido, que influenciou a tradição de vestido de noiva na cor branca ao se casar com seu consorte, o príncipe Albert, na primeira metade do século XIX⁹; e Grace Kelly, a Princesa de Mônaco, em seu matrimônio com Rainier III (em 1956) - marcado pela transparência de rendas e aplicação de pérolas e aviamentos. Recentemente, os vestidos das duquesas Kate Middleton (Duquesa de Cambridge) e Meghan Markle (que já deteve o título de Duquesa de Sussex), noras da falecida Lady Diana Spencer (conhecida como “Lady Di” e Princesa de Gales), são referências de vestido inspirado no modelo Grace Kelly¹⁰ e minimalista e elegante, da Grife Givenchy¹¹ - respectivamente.

Não obstante, é graças aos registros fotográficos e audiovisuais de Lady Di, que a nobre perdura como referência para a moda atual e as esposas de seus filhos. Ainda hoje, *looks* de Lady Diana são ícones de moda e estilo; destacando-se o vestido preto da vingança usado em seu divórcio e uma coleção de moletons de tricô, *short* ciclista e mangas estruturadas. As fotos também apontam quais acessórios da Lady são usados por Kate e Meghan.

Guimarães e Ribeiro (2019) corroboram que a “Sétima Arte” detém o poder de impactar o público utilizando-se de recursos variados, como: fotografia, construção de cenas e personagens e figurino. Sobre a escolha das vestes e acessórios, é vital “Analisar o figurino de filmes musicais com intuito de buscar fontes históricas de pesquisa e sua relação com a moda é uma das muitas possibilidades

“Diamonds are a Girl’s Best FRiends”, no filme “Os homens preferem as loiras”. Disponível em: <https://www.planocritico.com/entenda-melhor-madonna-vai-ao-cinema/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

⁹ Informação retirada do *blog* de Renato Drummond Tapioca Neto, licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UESC) e Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2020/03/23/o-vestido-branco-da-rainha-o-impacto-do-casamento-de-vitoria-no-restante-do-mundo/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

¹⁰ Essa afirmação é confirmada pelo jornalista Bruno Astuto, em coluna da Revista Época. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/04/60-anos-depois-vestido-de-grace-kelly-continua-inspirar-noivas.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.

¹¹ Adaptando a entrevista com Clare Waight Keller pelo jornal The Sun, o jornal Estadão publicou uma matéria explicando sobre a criação e confecção do vestido de noiva de Meghan Markle. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,estilista-da-givenchy-conta-os-segredos-por-tras-do-vestido-de-noiva-de-meghan-markle,70002318018>. Acesso em: 24 ago. 2021.

que o design proporciona dentro do universo filmico.” (GUIMARÃES; RIBEIRO, 2019, p. 33).

Além de Hollywood, a indústria de novelas latino-americanas projeta tendências que, em pouco tempo, ganham as araras das lojas e bancas de camelôs, configurando entre as personagens que tiveram seu estilos imitados: Carminha (Adriana Esteves), em Avenida Brasil; a delegada Helô (Giovanna Antonelli), em Salve Jorge; Mia Colucci (Anahí), em Rebelde (2004); entre outras.

Esse fenômeno de influência edifica-se em ações elaboradas com o objetivo de promover mercadorias, que encontra oportunidade de sedução “apresentando modelos em manequins vivos partindo para a tática de teatralizar a mercadoria que resultaria na solicitação do desejo”. (STEFFEN, [2005], p. 12).

Desse modo, uma coleção de documentos visuais e audiovisuais é uma opção que impacta em inspiração para estudantes e na decoração do ambiente, já que imagens e vídeos podem ser utilizados nas paredes em colagens, pinturas ou projeções. Seguindo essa ideia, podem formar tal coleção: fotografias avulsas ou reunidas em álbuns, cenas de filmes, quadros, caricaturas de celebridades em trajes famosos, entre outras representações.

O respeito à identidade estética e administrativa da Modateca não deve ser desprezado, de modo que a implementação da nova coleção combine com o que já existe no espaço. Mantendo a coerência com o regionalismo que é exaltado pelo acervo da Modateca, pode-se criar uma coleção de imagens a partir da exposição de croquis, fotografias de figurinos clássicos e icônicos, cenas de filmes, desfiles, cerimônias e outros eventos; desenhos sem a necessidade de ser técnicos, como, caricaturas de celebridades em trajes marcantes; colagens; xilogravuras; jornais; *etc.*

A fonte de tais documentos pode ser aquisição ou doação de artistas locais ou de colecionadores particulares, (ex-)estudantes, professores do curso, designers de moda e outros profissionais do setor.

Na viabilização da coleção, existem dois caminhos: o uso de fotografias em álbuns expostos, imagens ampliadas ou pregadas em um mural (dando preferência à utilização de técnica de revelação química e não à impressão em impressoras próprias em escritório) ou aplicação de colagens ao estilo “lambe-lambe”, dispostas nas paredes com maior liberdade para dimensões e

referências artísticas. Na última opção, podem ser contratados artistas populares pela intervenção urbana para criação e manutenção.

O investimento não é tão econômico quanto parece, pois requisita consultoria de profissionais especializados em preservação de acervos fotográficos para que, desde seu nascimento, a coleção acerte em boas práticas e não traga problemas e gastos imprevistos. Nesse ramo, não é incomum que “o barato saia caro”, já que o tratamento de documentos audiovisuais e visuais prescrevem de técnicas apropriadas. Esse especialista deve acompanhar periodicamente o acervo para cuidar de restauros e conversação.

Tal coleção recorda o referencial teórico quando volta a salientar o pensamento de Santos Neto e Santos (2018), onde a presença do egresso de Biblioteconomia é primordial para unidades de informação à luz da competitividade. Indica-se que seja selecionado um bibliotecário com entusiasmo para conectar-se com discentes, docentes e acervos de Moda e Indumentária. Para lidar com o diagnóstico e a conservação de documentos fotográficos, esse funcionário deve ser treinado; o que evidencia um compromisso da instituição e a demanda por uma pessoa que tenha curiosidade em desenvolver-se no segmento.

Ainda assim, a coleção continua sendo preciosa para o Senac-CE, especialmente se optar por oferecer cursos profissionalizantes de fotografia de moda e/ou quando tornar-se uma instituição de ensino superior (podendo atender a estudantes de Design de Moda, Marketing, Fotografia, Comunicação Social e outros). É um espaço que tem tudo para ser didático, dinâmico e moderno com custos financeiros razoáveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Formação e o Desenvolvimento de Coleções são detalhados nesta pesquisa com o propósito de ajudar na compreensão de como ocorre a criação e a manutenção de acervos de moda com fins didáticos. Além de abordar esse processo, entendeu-se que o bibliotecário é um colaborador essencial para a Formação, o Desenvolvimento e a Gestão de Coleções de Moda e Indumentária. Uma vez que a Biblioteconomia é a ciência que busca organizar o conhecimento humano registrado em documentos, é respaldado o valor de seus graduados para cuidar de unidades de informação variadas, não apenas bibliotecas.

No tocante a esse fato, as coleções de Moda não são uma exceção, cabendo ao bibliotecário a responsabilidade de tomar decisões condizentes com sugestões de docentes e discentes. O resultado dessa operação é a satisfação das necessidades dos usuários por meio de métodos validados pela literatura biblioteconômica.

Para compreender melhor o objeto de estudo da pesquisa, foi preciso identificar o que define unidades de informação, acervos e coleções; havendo a necessidade de ilustrar sua relação de subordinação em uma figura. Através da comparação e da hierarquização desses termos, a pesquisa conseguiu trazer dimensões e viabilização realistas acerca da construção de coleções.

Quanto à exploração de possibilidades de composição de coleções na área de Moda, a pesquisa conseguiu apontar exemplos interessantes. Dessa maneira, justificou-se a existência de biblioteca especializada (física e virtual), tecidoteca, teciteca, modateca e avioteca. Cada coleção tem suas prioridades e finalidades evidenciadas no texto e é encontrada no estudo de caso na Modateca do Senac-CE Reference. O estudo de caso foi proveitoso para pesquisar como tais materiais aparecem na realidade.

Outrossim, a pesquisa conseguiu atingir também seu objetivo geral, sugerindo a formação de uma nova coleção para o Senac. Embasados no que está escrito, é possível implementar uma coleção fotográfica de figurinos marcantes com o propósito de trazer novidades para o espaço e o acervo da Modateca do Senac-CE Reference ou de outra unidade de informação da Rede Senac, no Ceará.

Apesar dos desafios que cercaram a execução plena do trabalho, conseguiu-se encontrar resultados satisfatórios para elaboração das considerações finais. Contudo, ainda não foi atingido o desejo de basear-se em cima de um documento oficial com políticas de Formação e Desenvolvimento de Coleções pelas falhas de comunicação que ocorreram e a duração encurtada dos semestres 2020.2 e 2021.1, em virtude da pandemia de covid-19. Em um futuro próximo, pode-se regressar a tal questão e ampliar a escrita desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACHILLES, Daniele. Desenvolvimento de coleções: apontamentos teóricos sobre bibliotecas especializadas. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS*, 7., nov. 2014. [s. l]. **Anais eletrônicos [...]**. [s. l]: Biblioteca Viva, nov. 2014. Disponível em: http://siseb.sp.gov.br/arqs/INT_DESENVOLVIMENTO_DE_COLECOES_Daniele%20Achilles%20Dutra%20da%20Rosa.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

AGUIAR, Grazyella Cristina Oliveira de. Evolução das escolas de moda: perspectivas de legitimação da área de moda no País. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DE MODA*, [jun. 2015], [Nova Hamburgo]. **Anais eletrônicos [...]**. Nova Hamburgo: Universidade Feevale, [2015]. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/5d22eaba-c2a5-4882-bdab-a44fdd5a51f9/EVOLU%C3%87%C3%83O%20DAS%20ESCOLAS%20DE%20MODA%20-%20PERSPECTIVAS%20DE%20LEGITIMA%C3%87%C3%83O%20DA%20%C3%81REA%20DE%20MODA%20NO%20PA%C3%8DS.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ALONSO, Marta Dolabela Lima. Descarte. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, [s. l], v. 16, n. 2, p. 191-206, jul./dez. 1988. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/89507>. Acesso em: 05 maio 2021.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Gestão de coleções especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. *In: VIEIRA, Brunno Vinícius Gonçalves; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 15-31. (Coleção Memória da FCL). ISBN 9788579837258 (broch.). Acesso em: 8 mar. 2021

ARAÚJO, Fernanda da Costa Monteiro; DIAS, Fabiana Costa; ABREU, Jorge Phelipe Lira de. Nas tramas do tecido: perspectivas de tratamento para arquivos da moda através da experiência com a marca Osklen. **Páginas a&b**, [s. l], n. 10, p. 104-119, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/109556>. Acesso em: 08 mar. 2021.

ASTUTO, Bruno. 60 anos depois, vestido de Grace Kelly continua a inspirar noivas. **Época**, 19 abr. 2016. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/04/60-ano-s-depois-vestido-de-grace-kelly-continua-inspirar-noivas.html>. Acesso em: 24 ago. 2021, 15h54.

BORGES, Marcia de Souza. Problematizando a formação superior em Moda. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l], v. 10, n. 21, p. 111-123, maio, 2017. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/557/452>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

BRITO, Raissa Carneiro; VIDAL, Fabiano Cesar Mendonça; SIEBRA, Sandra de Albuquerque; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá. Curadoria digital em bibliotecas virtuais: o caso do projeto Virtual Worlds Database da Community Virtual Librarian. **Brazilian Journal of Information Studies: Research trends**, v. 14, n. 2, p. 151-172, jan./mar. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/141769>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CAMPOS, Amanda Queiroz; RECH, Sandra Regina. Considerações sobre moda, tendências e consumo. **Iara Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 170-198, dez. 2010. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IA_RA_vol3_n3_Dossie.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

CAMPOS, Leonardo. Entenda melhor | Madonna vai ao cinema. **Plano Crítico**, [s. l.], 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.planocritico.com/entenda-melhor-madonna-vai-ao-cinema/>. Acesso em: 24 ago. 2021, 15h20.

CHEIRAM, Maryeli Côrrea; SANTOS, Eliane Aparecida Galvão dos; CARLESSO, Janaína Pereira Pretto. Reflexões sobre a formação superior em moda. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/834>. Acesso em: 8 mar. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Resolução nº 5, de 8 de março de 2004**. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

CÓSCIA, Vera Lucia. UFSCar: coleções especiais em uma biblioteca comunitária. *In*: VIEIRA, Brunno Vinícius Gonçalves; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 71-88. (Coleção Memória da FCL). ISBN 9788579837258 (broch.).

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451 p. ISBN 978858637354 (broch.).

CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela; SILVA, Adriana Nóbrega da; SERAFIM, Lucas Almeida; COSTA, Maria de Fátima Oliveira; SILVA, Elieny do Nascimento. Formação e desenvolvimento de acervos: estudo de caso na Biblioteca da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). *In*: CETAC.MEDIA (Org.). **Globalização, ciência, informação: atas**. Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - CETAC.MEDIA, 2013. p. 1466-1479. ISBN 978-972-36-1339-1.

DIAS, Camila Carmona. As influências das tendências de moda. **Modapalavra E-periódico**, Londrina, v. 3 n.6, p. 103-135, jul./dez. 2010. Disponível em:

<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7943/5491>. Acesso em: 18 ago. 2021.

EDUVIRGES, Joelson Ramos. O processo de formação e desenvolvimento de coleções da biblioteca central da Universidade Estadual do Piauí. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60920>. Acesso em: 03 mar. 2021.

ESTADÃO. Estilista da Givenchy conta os segredos do vestido de Meghan Markle. **O Estado de São Paulo**, [s. l.], 21 maio 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,estilista-da-givenchy-conta-os-segredos-por-tras-do-vestido-de-noiva-de-meghan-markle,70002318018>. Acesso em: 24 ago. 2021, 16h.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de casos**. São Paulo: Atlas, 2009. ISBN: 978-85-224-5532-4.

GIMENEZ, Fernanda Schmitd; SPUDEIT, Daniela. Tecidos como fonte de informação: a organização de uma tecidoteca como suporte no processo de ensino-aprendizagem. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25.; jul. 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: [s. l.], 2013. p. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1594>. Acesso em: 15 maio 2021.

GONÇALVES, Suellen Souza. Biblioteca e avaliação de instituições de educação superior: avaliação do mec. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64187>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GUIMARÃES, Maria Paula; RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. O cinema como criador de tendências e fonte de pesquisa histórica na Moda. **ModaPalavra e-periódico / Moda e Cinema Ibero-latino**, v. 12, n. 25, p. 10-35, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/13222/10174>. Acesso em: 18 ago. 2021.

KREMMER, Jeannette M.; CALDEIRA, Paulo da Terra. Em busca de uma política de descarte nas bibliotecas da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 109-127, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/38490>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MACEDO, Solange Madalena Souza; ORTEGA, Cristina Dotta. Unidades de informação: termos e características para uma diversidade de ambientes de informação. **Em Questão**, v. 25, n. 2, p. 326-347, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/84821/52404>. Acesso em: 18 fev. 2021.

MACHADO, Marli; BLATTMANN, Ursula. A biblioteca universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 25, n. 1, p. 9-20, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/24142>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006. ISBN: 85-7193-038-4.

MAIA, Luiz Cláudio; SANTOS, Maria de Souza Lima. Gestão da biblioteca universitária: análise com base nos indicadores de avaliação do mec. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 2, p. 100-119, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36584>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. [3. Reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2019. ISBN: 978-85-01012-1.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 4. ed. [3. Reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2019. ISBN: 978-85-0087-7.

MERLO, Márcia; CARACIO, Karen. Moda e Indumentária aplicada ao estudo da museologia. **ModaPalavra E-Periódico**, ano 5, n. 10, p. 6-17, jul./dez., 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5140/514051627002.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 1-19, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/114588>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Gestão de coleções para bibliotecas especializadas: Uma perspectiva teórica para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 5, n. 2, p. 95-105, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47423>. Acesso em: 18 fev. 2021.

MIRANDA, Antonio Basilio. Seleção, aquisição e descarte de livros: um texto para principiantes. **Cadernos de Biblioteconomia**, Recife, v. 4, n. 1, p. 57-69, dez. 1981. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/78890>. Acesso em: 02 mar. 2021.

MORELLI, Graziela; SOUSA, Francieli da Rocha de. O projeto de criação da teciteca: um arquivo de tecidos para a pesquisa de acadêmicos do curso de Design de Moda. **Revista da UNIFEDE**, Brusque, v. 1, n. 8, p. 172-189, jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/541>. Acesso em: 02 mar. 2021.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt.; PRADO, Noêmia Schoffen. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 61-74, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/978>. Acesso em: 18 ago. 2021.

PAULA, Maricélia Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Avaliação de desempenho em bibliotecas: revisão de literatura e apresentação de indicadores. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 269-284, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92568>. Acesso em: 15 maio 2021.

PINHEIRO, Ana Virgínia. História, Memória e Patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. *In*: VIEIRA, Bruno Vinícius Gonçalves; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44. (Coleção Memória da FCL). ISBN 9788579837258 (broch.). Acesso em: 08 mar. 2021.

REVISTA AMBIENTES. Senac Reference. **Ambientes**. 84. ed., [s. l.], 29 jan. 2020. Disponível em: <https://www.revistaambientesce.com.br/2020/01/29/senac-reference-voce-ainda-mais-referencia-no-que-faz/>. Acesso em: 09 set. 2021, às 15h45.

ROKICKI, Cristiane Camizão. Modateca: espaço de pesquisa e memória com proposta de itinerância e desenvolvimento acadêmico. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., jul. 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos [...]**. Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1587/1588>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ROKICKI, Cristiane Camizão. Modateca: espaço de pesquisa e memória com proposta de itinerância e desenvolvimento acadêmico. **Senac.DOC**, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p.38-51, 2015. Disponível em: <https://senadoc.emnuvens.com.br/doc/article/view/19/15>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ROKICKI, Cristiane Camizão; LEAL, Angela Regina; KODAIRA, Mitiko Medeiros; SILVA, Talida Aparecida da. Tecidoteca: pesquisas acadêmicas via tecnologia e cultura. **Senac.DOC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 46-57, 2016. Disponível em: <https://senadoc.emnuvens.com.br/doc/article/view/70/58>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ROCHA, Eliana da Conceição; GOMES, Suely Henrique de A. Gestão de qualidade de informação. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 22, n. 2, 1993. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/501>. Acesso em 18 fev. de 2021.

SANTA ANNA, Jorge. Desenvolvimento de coleções no sistema de bibliotecas da UFES: comparativo entre os modelos teóricos de Evans e Baughman e proposta de adequação ao modelo de Evans. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 141-155, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16197>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SANTAANNA, Jorge Santa; PEREIRA, Gleice; AZEVEDO, Valéria Magewsk Teodoro; POLESE, Elisângela Aparecida. A importância do planejamento, tratamento informacional e divulgação de acervos especiais: o caso do Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central da UFES. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 28, n. 1, p. 47-70, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/22618>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SANTOS NETO, João Arlindo; SANTOS, Juliana Cardoso dos. Mediação da informação no campo da moda. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 95-115, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/100106>. Acesso em: 01 mar. 2021

SENAC. Departamento Nacional. **Senac**, [s. l.]. Disponível em: <https://www.senac.br/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

SENAC CEARÁ. Nossos cursos, Livres. **Senac Ceará**. [s. l.]. Disponível em: <https://www.ce.senac.br/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

SENAC CEARÁ. Nossas unidades, Senac Reference. **Senac Ceará** [s. l.]. Disponível em: <https://www.ce.senac.br/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

SENAC CEARÁ. Cursos. **Senac Ceará** [s. l.]. Disponível em: <https://cursos.ce.senac.br/cursos/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SÉRGIO, Ana Luiza; RECINE, Analucia Viviane; YOSHINE, Mariana Yuri; ARAÚJO, Maurício Campos; QUEIROZ, Yasmin Monteiro. Acervo têxtil como ferramenta para projetos de ensino, pesquisa e extensão. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO TÊXTIL E MODA, 5., São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Campinas, Galoá, abr. 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/contextmod/contextmod-2017/papers/acervo-textil-como-ferramenta-para-projetos-de-ensino--cultura-e-extensao?lang=en>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SILVA, Luara Fernanda Nilo; SANTOS, Jéssica Andressa de Oliveira; GOMES, Milena Moreira Silva; MONTEIRO, Patrícia Aparecida. MATERIOTECA: a importância dos aviamentos na Moda. *In*: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 10.; SIMPÓSIO DA PÓS-GRADUAÇÃO DO IFSULDEMINAS, 7., [Passos], [2018]. **Anais eletrônicos** [...]. Passos: Instituto Federal Sul de Minas, [nov. 2018]. Disponível em: <https://jornada.ifsuldeminas.edu.br/index.php/jcmuz2/jcmuz2/paper/viewFile/4416/3193>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SILVA, Angela A. Gimenez; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. História da moda: da idade média à contemporaneidade do acervo bibliográfico do Senac – Campus Santo Amaro. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 102-112, jan. 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9878>. Acesso em: 01 mar. 2021.

STEFFEN, Daniela. A influência dos figurinos de novela na moda brasileira. *In*: Intercom Júnior; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,

28., [Rio de Janeiro], [2005]. **Anais eletrônicos [...]** [Rio de Janeiro]: [Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)], p. 01-14, [2005] . Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/46140310463454463791961765374966402108.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 16-25, jan./dez. 1988. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/99572>. Acesso em: 29 maio 2021.

TAPIOCA NETO, Renato Drumond. O vestido branco da rainha: o impacto do casamento de Vitória no restante do mundo! **Rainhas Trágicas**, [s. l], 23 mar. 2020. Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2020/03/23/o-vestido-branco-da-rainha-o-impacto-do-casamento-de-vitoria-no-restante-do-mundo/>. Acesso em: 24 ago. 2021, 15h48.

TARAPANOFF, Kira; ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de; CORMIER, Patrícia Marie Jeanne. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/876/910>. Acesso em: 18 fev. 2021.

TARGINO, Maria das Graças. Bibliotecas Universitárias e Especializadas de São Luís. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 16, n. 1, p. 19-32, jan./jun. 1988.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/PMK9FqgDj9rMs9WtmYKd5nb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.

WEITZEL, Simone da Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l], v. 7, n. 1, nov. 2007. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/414>. Acesso em: 11 ago. 2021.

VASQUES, Ronaldo Salvador; GOMES, Nadir da Rocha; FORTUNATO, Fabrício de Souza; PAIVA, Márcia Regina; BARCELOS, Silvia M. Bortoloto Damasceno, MENEGUCCI, Franciele. Tecidoteca: o acervo de bandeiras têxteis na Universidade de Maringá (UEM). **Revista ModaPalavra E-periódico**, v. 6, n. 11, p. 107-116, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/6511/4505>. Acesso em: 22 mar. 2021.

VEIGA, Lilian; UBERNA, Aline Smek. Avioteca: a implementação de um acervo de aviamentos como auxílio no ensino. *In*: COLÓQUIO DE MODA, 11., CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN DE MODA, 2., 2015. **Anais eletrônicos [...]**, [s. l]: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 01-07, 2015. Disponível em:

<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/POSTER/PO-EIXO6-PROCESSOS-PRODUTIVOS/PO-6-AVIOTECA.pdf>. Acesso em: 06 jun 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989. p. 96.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos/livros, 2010. p. 120.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS DIRIGIDO RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO DA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE

ROTEIRO DE PERGUNTAS DIRIGIDO À RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO DA MODATECA DO SENAC-CE REFERENCE E COORDENADORA DA REDE DE BIBLIOTECAS DO SENAC-CE, ISADORA DIAS (*NOME FICTÍCIO*)

Primeira seção do questionário

Aspectos gerais da Modateca do Senac-CE Reference

Nesta seção, as questões detém o objetivo de compreender a Modateca do Senac-CE Reference como um espaço de aprendizado construído, estrategicamente, para solucionar necessidades de informação de usuários.

1. Qual a área da modateca em m²?
2. Os aviamentos detém qual utilidade?
 - Pedagógica.
 - Expositória.
 - Uso disponível para alunos fazerem pequenos acabamentos.
3. funcionários compõem a equipe da Modateca? Quais são seus cargos?
4. Quais as formações dos profissionais que participaram da construção da modateca como espaço e acervo?
5. Quais modatecas foram visitadas para se ter uma ideia de como construir a do Modateca do Senac-CE Reference?
6. Durante a pesquisa de modelos de modateca na qual a coordenadora do sistema de bibliotecas do Senac-CE, Isadora Dias (nome fictício) inspirou-se, houve o acesso a documentos relacionados à Gestão, Formação e Desenvolvimento de Coleções?

Segunda seção do questionário

Perguntas sobre os processos que envolvem a Formação e o Desenvolvimento de Coleções.

Este grupo de perguntas associam-se aos processos de Formação, Desenvolvimento e Gestão de Coleções segundo Vergueiro. Nesta seção, são abordados procedimentos realizados na Modateca e a existência de documentos norteadores de práticas.

1. A Modateca segue as etapas de Desenvolvimento de Coleções de Vergueiro na prática?

Descrição: Estudo de caso, Políticas de Desenvolvimento, Políticas de Seleção, Política de Aquisição e Política de Desbastamento?

2. Existe uma definição de usuários reais e potenciais? Se sim, quais são eles e como foram levantados dados para identificá-los?
3. Quais necessidades dos usuários guiam a Política de Seleção?
4. Os critérios que coordenam a seleção podem ser trazidos ou resumidos?
5. Quais instrumentos auxiliam a seleção?
 - Sugestões de estudantes.
 - Sugestões de professores.
 - Catálogos.
 - Resenhas.
 - Bibliografia e/ou listas de editoras.
 - Outro: _____
6. Existe alguma prioridade por editora durante a aquisição?
7. Há regras para doação ou permuta? Pode ser passado o documento?
8. O que influencia na permanência de uma obra no acervo?
9. A tomada de decisões que guia o desbastamento é guiada por análise de dados?
 - Quantitativa.
 - Qualitativa.
 - Fatores de uso.

Agradeço pela atenção!

É uma grande alegria escrever um TCC sobre a Modateca e ter sido tão bem recebida!